

# Barafondda



Cia. São Jorge  
de Variedades



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Barafonda [livro eletrônico] / dramatugia coletiva da  
Cia São Jorge de Variedades ; [coordenação Alexandre  
Krug]. -- São Paulo : Cia São Jorge de Variedades, 2024.  
-- (Cia. São Jorge de Variedades : 25 anos)  
PDF

ISBN 978-85-61343-25-5

1. Teatro brasileiro I. Variedades, Cia São Jorge  
de. II. Krug, Alexandre. III. Série.

24-241626

CDD-B869.2

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Teatro : Literatura brasileira B869.2  
Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

# Barafonda

Dramaturgia coletiva da

**Cia. São Jorge de Variedades**

Livremente inspirada na história da Barra Funda  
e a partir das obras de Ésquilo, Eurípides e Heiner Müller,  
entre outros

**CIA SÃO JORGE DE VARIEDADES**

Título :: **Barafonda**

Autor :: **Cia São Jorge de Variedades**

Capa, projeto gráfico e diagramação ::  
**Sato do Brasil**

Coordenação editorial, preparação e revisão  
do texto :: **Alexandre Krug**

Edição :: **Cia São Jorge de Variedades**



## NOTA EDITORIAL

Esta edição de BARAFONDA resgata a dramaturgia criada de forma coletiva pela Cia São Jorge de Variedades entre 2010 e 2012 para esse espetáculo, que se desenvolvia pelas ruas do bairro da Barra Funda em São Paulo-SP, com uma cena itinerante em relação viva com a cidade, sua arquitetura, moradores, frequentadores e passantes, veículos, estabelecimentos, enfim uma encenação perpassada pela variedade e a imprevisibilidade da cidade. O espetáculo, que em sua trajetória de quatro horas passava também pela sede do grupo – a Casa de São Jorge – na Rua Lopes de Oliveira, apresentou-se em três temporadas de 2012 a 2013. Criado a muitas mãos ao longo de um processo de dois anos, BARAFONDA tinha como base estética fundamental o trabalho em coros e inspirou-se livremente nas obras de Ésquilo, Eurípides, Heiner Müller, Ernesto Sábato, Bertolt Brecht, Mario Benedetti, Clarice Lispector, Raul Seixas, Wally Salomão, Plínio Marcos, Grupo Bijari, Mário de Andrade, Calderón de la Barca e Rumi, entre outras fontes, porém acima de tudo, como referência e interesse inicial, na história da Barra Funda e os muitos relatos sobre o bairro. Dentre todos os artistas envolvidos na criação dramaturgica, cabe destacar os próprios membros do núcleo da Cia quando da estreia do espetáculo: Alexandre Krug, Georgette Fadel, Marcelo Reis, Patrícia Gifford, Paula Klein e Rogério Tarifa, além das contribuições igualmente decisivas de Flávio Porto, André Capuano, Jonathan Silva, Lincoln Antonio, Fernanda Machado, Mariana Senne, Caco Pontes e Miguel Arcanjo, entre outros criadores, incluindo os participantes do experimento “Ao Coro Retornarás” em 2010.

A presente edição, além de organizar, nomear e numerar as diferentes partes e cenas para melhor fruição dos leitores, não se restringe à versão ‘final’ do roteiro, àquela que se falava de fato na cena. Em vez disso, resgata alguns elementos e propostas dos primeiros roteiros escritos que não chegaram até a cena, mas que contribuem para uma leitura mais rica e coerente não só do universo da obra e suas fontes, mas também das diversas fábulas paralelas que percorrem a dramaturgia. Ao mesmo tempo, e sem pretender dar conta de toda a visualidade e imprevisibilidade da encenação, que está registrada em vídeo, realizamos um esforço para incluir aqui falas, imagens e ações de cena acrescentadas e transformadas posteriormente pelos criadores nas versões seguintes do roteiro e ao longo das próprias apresentações, produzindo assim um roteiro ‘extendido’, que compreende sua dramaturgia de forma ampla, desde o escrito no papel, fruto de reflexões e ensaios, até aquilo que só se cria no próprio fazer da cena, que se plasma dentro da potência infinita de um fazer dramaturgico em progresso. Entendemos que assim, alcançando a própria encenação e a sua dramaturgia dos espaços, das canções, dos improvisos e imagens, o leitor poderá apreciar melhor toda a amplitude e densidade em que se assentou a pesquisa e a criação de BARAFONDA.

# I :: FUTURO

## 1 :: PRAÇA MARECHAL DEODORO

### **GALVEZ**

(Em meio ao público, na praça, está trabalhando na finalização da sua obra de arte, e enfim assina no chão: “RAPHAEL GALVEZ”.)

Aqui acaba a história contada por mim. Estamos assistindo a última cena. Mas antes de terminar, devemos admitir que fracassamos. Caramba!!! Hoje completo 105 anos. Assim como vagarosas são as horas da infância, à medida que envelhecemos, as horas encolhem. Estou no fim da nossa linha do tempo e não há mais nenhum passo a ser dado. A obra está pronta. O que faço agora? Caramba, só me resta morrer!!!! Ou então sonhar, não é, só me resta sonhar. Sempre amei jogar futebol, hoje não posso mais. Mas às vezes sonho que estou jogando. Sempre fiz discursos otimistas e inflamáveis nas praças, hoje já não posso mais. Somos órfãos de céu e de teto. Mas as vezes sonho que posso. Venho acumulando muitas dúvidas, tristes dúvidas sobre o conteúdo desta espécie de testamento que apresento a vocês.

Muitos me dizem: “você tem o dever de terminá-la”, os jovens estão sem esperanças, ansiosos, não pode decepcioná-los, não é. Escrevo sobretudo para os jovens, mas também para aqueles que, como eu, se aproximam da morte e se perguntam para que e por que vivemos e lutamos, sonhamos, escrevemos, ou simplesmente empalhamos cadeiras. Vocês, jovens, devem achar que não existe nenhuma possibilidade de mudança, quando o valor de uma existência é menor do que o preço de um anúncio publicitário. Quem sabe quando acordarmos desse sinistro pesadelo, quando o mundo hiperdesenvolvido vier abaixo, com todos os seus siderantropos e sua tecnologia, nas terras do exílio há de se resgatar o homem em sua unidade perdida.

Olha eu sonhando de novo!...

Pode não parecer, mas são muitos que em meio à tempestade continuam a lutar, oferecendo seu tempo e até a própria vida pelo outro. Saiamos para os espaços abertos. Proponho-lhes então, com a gravidade das palavras finais da vida, nesta complexa, contraditória e inexplicável viagem rumo à morte que é a nossa existência, que nos joguemos nesse meu último suspiro de vida que é e será essa minha Barafonda. E agora, eu morro.

(Galvez termina sua obra “Estátua de Prometeu”, colocando-se dentro dela. A estátua/instalação: “Do fim do mundo, ou sonho de sombras, limite entre o ser e o não ser”. No alto da instalação está Prometeu Acorrentado – o próprio Galvez. Ele está acorrentado há milhares de anos no mesmo lugar, o que antes era uma rocha no fim do mundo, agora se transformou numa pequena parte da cidade de São Paulo.

Se transformou na Barra Funda. Sua rocha virou prédio, virou poste, virou cimento, asfalto. Da mesma forma foi transformado seu corpo, que foi moldado e esculpido pelo tempo. Suas pernas são de piche, seus pulmões negros e seus ossos são de concreto. No seu rosto um saco de batata chips está fundido em seu crânio. Já seu fígado pulsa ainda vivo, vermelho, escorrendo sangue. A cada dia de apresentação é como se Raphael Galvez estivesse terminando a instalação. Ao terminar a obra e assiná-la, ele sobe e se coloca na parte de cima, como Prometeu, encaixando-se na instalação. Uma pomba numa gaiola faz as vezes da águia.)

(Ao mesmo tempo, ouve-se som de berrantes ao longe e vemos a MÃE, DIONISO, IÓ e o CORO DE CABRITOS se aproximando. Todos tem chifres, mas as três lós tem apenas um. Oferecem ao público o churrasco do cabrito, dizendo a cada um: “Carne de cabrito, de um irmão, morto há muito tempo. É de graça. É oferta. É oferenda. É sacrifício.” Os berrantes tocam o tempo todo. Ao término da ação, a Mãe, Dioniso e Coro de Cabritos saem e Ió canta para a obra de Galvez “Estátua de Prometeu”. A Mosca-Borboleta dança ao seu redor.)

## ***A LIBERTAÇÃO DE PROMETEU***

### **CORO DE IÓ**

(Ió é representada durante toda a peça por um coro de três atrizes.)

*Prometeu*

*prometeu o fogo aos homens  
entregou o fogo aos homens  
mas não ensinou  
como usá-lo contra os deuses*

*Prometeu*

*por causa do seu ato  
por ordem dos deuses  
foi  
fixado ao Minhocão*

*Onde uma águia de cabeça de cão*

*Comia seu fígado  
todo dia seu fígado  
crescia seu fígado  
todo dia seu fígado  
comia  
crescia  
seu fígado*

*Fígado, fígado, fígado, fígado  
A águia defecou sobre ele  
as fezes eram seu alimento*

*Três mil anos depois  
Hércules, seu libertador  
subia a São João  
no rumo da estação*

(HÉRCULES e o CORO DE HÉRCULES vem chegando, atravessando a avenida rumo à praça. Começam a encenar a Libertação de Prometeu.)

*Mas era repelido pelo muro de fedor  
Hércules repelido pelo muro de fedor  
era repelido pelo muro de fedor  
Hércules repelido pelo muro de fedor*

*Três mil anos rondou  
da Glete à Brigadeiro  
da Angélica à Conselheiro*

*Mas era repelido pelo muro de fedor  
Hércules repelido pelo muro de fedor  
era repelido pelo muro de fedor  
Hércules repelido pelo muro de fedor*

*Choveu choveu choveu  
quinhentos anos choveu  
Hércules se aproximou  
quatro vezes ele flechou*

*A quarta flecha a águia matou*

(A pomba é solta da gaiola e sai voando. Prometeu chora alto.)

## **PROMETEU**

Você sabe voar, peão?  
Com seus pés de bosta?  
(Volta a chorar.)  
O que devo comer agora? Suas flechas?

## **HÉRCULES**

Prometeu, coma a águia!!



**IÓ** (Cantando a música.)  
*Prometeu sabia muito bem  
que a águia era a última ligação com os deuses  
e suas bicadas eram a memória deles*

*Ele xingou seu libertador de assassino  
seu libertador ele xingou de assassino*

*E tentou cuspir em sua cara*

*Hércules se aproximou  
as correntes ele procurou  
tempo, clima, fezes, carne e metal  
tudo pedra, tudo igual  
Hércules se aproximou  
tempo, clima, fezes, carne e metal  
as correntes ele procurou  
tudo pedra, tudo igual*

*Da libertação ficou uma cicatriz*

*Prometeu  
tinha medo da liberdade  
gritando e espumando de raiva  
suas correntes defendeu*

*Contra a investida do libertador*

*De quatro, sobre as mãos  
e os joelhos, liberado  
seus membros, um a um  
entorpecidos, torturados*

*Gritou gritou gritou  
por um lugar tranquilo na pedra  
debaixo das asas da águia*

*Prometeu  
mesmo quando já erguido  
dali não saia*

*Como um ator  
que não quer sair do palco*

(Após ser libertado a contragosto por Hércules e arrastado pra fora da instalação, o ator de Prometeu-Galvez sai do personagem a passa a comemorar como um ator premiado.)

## **ATOR**

Como um ator que não quer sair do palco! Eu queria agradecer a todos os presentes! Eu queria dizer que esse prêmio é meu! Eu queria dizer que vocês ajudaram muito. Obrigado São Paulo, obrigado Brasil! Agradeço muito esse prêmio. Viva São Paulo, viva o Brasil! É nós! Eu queria agradecer à faxineira que limpa o nosso espaço, ao meu preparador de ioga, viva... (Continua falando.)

(O CARRO DA RÁDIO CIPÓ vem chegando, com o locutor SR. BARAFONDA, o CONDUTOR e a CANTORA DA RÁDIO cumprimentando e pedindo passagem. Sr. Barafonda convida o público a caminhar, acompanhando o carro. No meio do público, e ao longo de toda a peça, está MÁRIO DE ANDRADE observando.)

## **2 :: AVENIDA GENERAL OLÍMPIO DA SILVEIRA**

### **RÁDIO CIPÓ :: SR. BARAFONDA**

(O Sr. Barafonda começa a irradiar para conduzir o público e a cena pela Av. General Olímpio da Silveira até a Rua Lopes de Oliveira. Ao longo do trajeto várias cenas acontecem, imagens paralelas, muitas vezes sem texto.)

Alô, alô, alô! Alô você! Alô todos vós! Aqui é a Rádio Cipó na Selva das Cidades, prefixo z.y.l.o. 342. Sua voz amiga de todos os dias desde o início dos tempos. Bons tempos. Bom tarde a você, que nos ouve. Boa tarde a você que está apenas passando e que também está conosco, afinal já diz o velho ditado: “tudo é passageiro, menos o condutor do bonde”. Estamos todos apenas de passagem, não é? Nós todos, ouvintes passantes, reles mortais, vamos lá! Vamos descer pela toca do coelho.

Agora tempo bom. Temperatura em elevação. E a hora... é a de vir comigo e me seguir nessa jornada. Não se desespere que “assim mesmo, mesmo é”! Abra os olhos e os ouvidos. Abra todos os sete buracos da sua cabeça. A paisagem é seu dial. Sintonize o coração. Destino: Barafonda. Não mude mais de estação. Embarque na frequência modulada. Alô equipe, antenas ligadas, nas ondas da Rádio Cipó. Sí, muchacho, buena onda! A programação é extensa. Aprecie nossa sequência musical. No princípio, é o FIM. Secula seculorum se passaram pra humanidade finalmente desgrudar da rocha e elevar-se até...o SOL!

E o mundo de pedra transformar-se em espelho, para cada um, enfim, se reconhecer. E fim. Mas na verdade... Na verdade é brincadeira, caro ouvinte, não tem princípio e nem tem fim, estamos sempre aqui, aí, ligados em você e você na nossa frequência, z.y.l.o. Rádio Cipó 342.

(Ao mesmo tempo, em todo o trajeto, os integrantes do coro dos trabalhadores, trajando uniformes cinza, criam imagens se misturando com a arquitetura da rua, das lojas, das paredes, cercas, objetos da rua, bancas de revista etc., como prometeus presos à rocha, amalgamados à cidade.)

E você continua conosco, voltando no tempo e no espaço rumo a um princípio. Lembrando a todos que, no princípio da Barafonda, sopravam apenas os ventos do caos e nada havia, ou melhor, havia aqui uma grande várzea, habitada por capivara, jacaré, jaguatirica e até quem sabe alguma tribo.

Muito depois veio a linha do trem cortando a planície levando café em direção ao mar. Até que o Conselheiro Antonio Prado, vulgo prefeito da época, colocou à venda a Chácara do Carvalho. E deu-se início à Barra Funda, onde apareceu o primeiro bonde da cidade e, dizem as boas línguas, a maior população de negros de São Paulo! E é por isso que hoje, 4 de maio de mil novecentos e três mil e cem, vale a pena ouvir de novo, recordar é viver! De Kiko Dinucci, “Roda de Sampa”, oferecimento do cimento eterno sob nossos pés que sangram e caminham, caminham...

### **CANTORA DA RÁDIO**

*Vou caminhando na Barra Funda, onde os bambas se encontravam / E no Largo da Banana, onde o samba encontrava o luar / E durava a noite inteira, estandarte e frigideira / Gritos na rua de trás, foi um rapaz, foi um rapaz / Que entrou na tiririca, fazendo visagem, saltando pra trás / E a ponta do pisante como um canivete sambando no chão / Não passou de ilusão, não passou de ilusão / Dionísio Barbosa, Inocência Mulata e Geraldão / E os valentes da Glete gingavam de orgulho e tradição / Não passou de ilusão, não passou de ilusão / Mas o samba anda sumido / Quem quiser vai ter que procurar / Num sorriso de criança e aprender que a Pauliceia / Ainda pode cantar, laiá laiá laiá laiá...*

(Durante esta música, ló passa no contrafluxo da Rádio e público – rumo ao futuro – com a churrasqueira assando a carne do irmão cabrito morto.)

### **RÁDIO CIPÓ :: SR. BARAFONDA**

E a Rádio Cipó em cima do lance relata, e você constata: antigamente os fantasmas vinham do passado, mas já faz tempo que vêm também do futuro. É, na via expressa, na contra-mão, no rés do chão e no Elevado. É isso aí, caro ouvinte, é só conversando com os mortos que se vislumbra algum futuro. O passado, uma tempestade de ruínas nos empurra para frente. E nós todos, anjos sem sorte, batemos nossas asas, encaramos de frente o futuro, que explode nossos olhos como estrelas enquanto o entulho se acumula em nossos ombros!

**ESQUINA RUA ALBUQUERQUE LINS.  
GENERAL COSTA E SILVA E MARECHAL DEODORO.**

(O Marechal está na calçada, ao lado da placa do Metrô que leva seu nome. Costa e Silva lá no alto, sobre o Elevado que leva seu nome. Eles conversam à distância, trocando saudações e elogios.)

**COSTA E SILVA**

É você que chegou na Estação, Marechal Deodoro!?

**MARECHAL DEODORO**

Oh, Elevado Costa e Silva!

**COSTA E SILVA**

Meu General Cinco Estrelas!

**MARECHAL DEODORO**

Meu Presidente Elevado!

**COSTA E SILVA**

Meu Presidente!!

**MARECHAL DEODORO**

Meu Presidente!!

Eis a minha República e a tua, olha aonde chegou a minha criação, hein!

Elevou-se!

**COSTA E SILVA**

Sim, e como! Na minha República e na sua, Vossa Excelência não mandou fechar o Congresso Nacional?

**MARECHAL DEODORO**

Sim, mandei!

**COSTA E SILVA**

Eu também!

**MARECHAL DEODORO**

Ah, Vossa Excelência defendeu o capital, enquanto trucidou os miseráveis e revoltosos, não foi?

**COSTA E SILVA**

Sim! E faria tudo de novo!

**MARECHAL DEODORO**

Eu também, Elevado! Eu também, ah, ah, ah! (Ambos riem.) Adeus, Elevado!

## **COSTA E SILVA**

Adeus, até outra Estação, Marechal!

### **RÁDIO CIPÓ**

Espiche as orelhas, e ouça... Ouça o barulho dos tambores enterrados. Ouça o rufar das asas por trás da parede petrificada. Somos anjos sem sorte à espera da história, queridos baranautas. É por isso que você continua conosco, caminhando a cantando e seguindo a canção, e entre marechais e brigadeiros, até os paralelepípedos tem ouvidos. Na Rádio Cipó, o lema é: “Quem procura, acha”. O que você acha? Rádio Cipó z.y.l.o. – chamando você pra desatar o nó. DECIFRA-ME OU DEVORO-TE – VOCÊ PODE NÃO SABER, MAS ESTÁ FILOSOFANDO O TEMPO TODO. Ah! O quê? Ah, sim, vamos agora diretamente da memória escorregadia do berço do samba da Paulicéia, pincelando às voltas com tantos artistas que por aqui passaram, lavada no sal do suor de tantos operários, negros e imigrantes que por aqui aportaram. Vai daí! É, vou daí, mas aí é aqui mesmo! Então, som na caixa, alô grande Germano Mathias, foi seu samba de estreia na Rádio Nacional, “Na Barra Funda”!

### **CANTORA DA RÁDIO**

*Na Barra Funda nunca mais eu voltarei / Toquei meu samba, nunca mais eu trabalhei / Faz sete anos que vivo na malandragem / Quero trabalhar, mas me falta coragem / Tenho de tudo, até anel de doutor / Trabalhar é pra relógio, eu não sou despertador / E felizmente tenho um terno e um bom sapato / Uma nega no basquete, dinheiro comigo é mato...*

(Durante essa música, passam por outras imagens formadas pelo Coro dos Trabalhadores: corpos amontoados no chão; pessoas presas numa lixeira de rua etc.)

### **RÁDIO CIPÓ :: SR. BARAFONDA**

Você ouviu “Na Barra Funda” de Germano Mathias, oferecimento da malandragem visceral que a todos inunda e imunda nessa Barafonda... E enquanto isso, a Rádio Cipó deseja a todos uma boa tarde! (Vinheta da Cantora: “Boa taaar-de!”) E uma boa tarde especial a você que está aí, no seu trabalho. Trabalho que, segundo alguns, é o que nos define inconfundivelmente como seres humanos. E que pra uns enobrece, já pra outros emagrece e ainda tem aqueles a quem ele enlouquece. Ato fundante da nossa humana condição: trabalhar. É, você aí, ser humano. É, você mesmo, que para comer vestir e morar vai se virando e virando tudo no seu avesso. Pensa que é fácil viver nesse mundo. Pois é! Desde que o mundo é mundo tem sido assim a gente modifica o mundo e o mundo modifica a gente. E a Rádio Cipó continua sua programação, e você continua conosco, na nossa onda, Barafonda.

(Narrando como um locutor de futebol.)

Nas ondas do mar da história, a memória serpenteia como um minhocão, e vai, finta pra lá, faz que vai pra cá, parece que vai para a esquerda, mas... Viiiiiiira decididamente para a direita, fazendo a grande curva decisiva!



(O carro da Rádio e o público fazem a curva para entrar na rua Lopes de Oliveira, conduzindo o público. a Mãe e Dioniso formam uma última imagem em frente à esquina, embaixo do Minhocão.)

### **3 :: RUA LOPES DE OLIVEIRA**

(O trajeto faz estações em vários estabelecimentos da rua. Durante todo percurso, o Coro dos Trabalhadores é visto realizando tarefas, carregando coisas, limpando paredes, carros, varrendo etc., sempre comentando sobre as tarefas, sobre a própria necessidade do trabalho, ganhar a vida etc.)

#### **RÁDIO CIPÓ :: SR. BARAFONDA**

É... sempre acaba virando pra direita, por que será?... Mas cá estamos, Rua Lopes de Oliveira! Agora a Rádio Cipó z.y.l.o. 342 quer saber: você sabe quem foi Lopes de Oliveira? Não?? Então não perca, a resposta daqui a poucos instantes, continue conosco! E vai pensando...

#### **BAR DA ESQUINA**

(Imagem do Coro dos Trabalhadores almoçando no Bar da Esquina.)

#### **IMAGEM IÓ - I**

(Coro de Ió, junto à parede do bar, tenta se comunicar com as pessoas, com pincéis na mão, executando uma dança frenética de ações do cotidiano, enquanto um trabalhador recita no megafone.)

#### **TRABALHADOR**

*Todo dia / chega a noite / e é sempre a mesma coisa / uns vão pro bar beber / outros para conseguir / uma bela transa / toda noite é mesmo dia / bate ponto / cumpre turno / acorda cedo / cara feia / pouca grana / faz desejo / assiste o jogo / desiste / tenta de novo / a impressão que se tem / é que nos últimos tempos / os dias passam / cada vez mais rápido / e sem retorno / os dias passam cada vez mais rápido / cada vez mais rápido / sem retorno / sem retorno / todo dia / toda noite. (Repete tudo ciclicamente, cada vez mais rápido..)*

(Trabalhadores passam carregando caixas de ovos e comentam entre si a imagem de Ió.)

## **CORO DOS TRABALHADORES**

*– Eita, tá correndo atrás do quê, menina? / – Tá correndo do patrão! / – Ahahah, fuge filha fuge!! / – Juntou mais gente... tá melhorando... (tá mais fraco hoje hein, juntou pouca gente, corre aí, manda vê) / – Bom trabalho! / – Trabalho? Cê acha que isso é trabalho? / – É o que então, cara?... / – A mina tá trabalhando, sim... / – Que trabalhando o quê, tá se divertindo aí... / – Se tá se divertindo não é trabalho...*

**IÓ** (Responde indignada aos comentários.)

Isso aqui é trabalho sim, viu? Trabalho digno! (Etc.)

(Rádio Cipó chama o público para continuar o deslocamento até a Casa de Ração.)

## **RÁDIO CIPÓ :: SR. BARAFONDA**

Rádio Barafonda, z.y.l.o. 342 continua com você em sua jornada no tempo e no espaço, rumo às entranhas da Barra Funda, ouça agora, na sequência musical, de Wilson Batista e Ataulfo Alves, “O Bonde de São Januário”, oferecimento dos deuses telúricos do samba universal...

## **CANTORA DA RÁDIO**

*Quem trabalha é que tem razão / Eu digo e não tenho medo de errar / O bonde São Januário / Leva mais um operário / Sou eu, que vou trabalhar / Antigamente eu não tinha juízo / Mas hoje eu penso mais no futuro / Graças a Deus sou feliz / Vivo muito bem / A boemia não dá camisa a ninguém / Passe bem.*

## **CASA DE RAÇÃO**

(Trabalhadores deixam os ovos na loja e atravessam a rua. Trabalhador-Hércules fica na loja e arruma as caixas. Olha fixamente para um ovo que segura na mão.)

(Trabalhadores lavam a fachada do outro lado da rua.)

(Rádio chama e conduz o público. Deslocamento até a loja de Artigos para Festa.)

## **RÁDIO CIPÓ :: SR. BARAFONDA**

Continue conosco, não precisa pisar em ovos, caríssimo ouvinte! Siga com confiança rumo às entranhas da Barafonda. Depois de entrar na toca do coelho, só saindo pelo outro lado... Não duvide: quem vos fala é Barra Funda da gema, enquanto você vai clareando as idéias...

Veja como essa raça de ferro vai se virando pra colocar ovo em pé... Ouça, veja, sintá... Lembrando que pra pôr ovo em pé precisa ter a idéia. Mas o ovo... ah, o ovo tem que ser real, concreto. E aí nossa raça de ferro inventa o que pode e se sacode, veste a camisa, o uniforme e até a máscara...

## **LOJA DE ARTIGOS PARA FESTA “CIDADE ENCANTADA”**

(Trabalhador-Hércules, vestindo uma máscara de super-herói, vende artigos de festa para os transeuntes na porta da loja.)

### **VINHETA COMPRE TUDO E NÃO GASTE QUASE NADA**

#### **CORO DOS TRABALHADORES**

*Compre tudo / E não gaste quase nada / Aqui na Cidade Encantada / Compre tudo / E não pague quase nada / Aqui na Cidade Encantada*

#### **TRABALHADOR-HÉRCULES**

Você que faz seu aniversário hoje, amanhã ou sempre, alegre sua festa com nossos produtos. Se você ou seu filho gosta de algum personagem da história dos heróis internacionais e mundiais em quadrinhos ou em cinema, temos o que você precisa. Temos kits do Spider Man - Homem Aranha, do Super Man - Super Homem, do Capitão América, do Hulk, etc. Temos pratinhos, copinhos, garfinhos, guardanapinhos, chapeuzinhos, velinhas, enfeitezinhos dos mais diversos. Se você aprecia os personagens delicados e femininos, temos Cinderela, Sininho, todas as princesas... (Tosse, tira a máscara, toma água, continua.)

(Trabalhadores que estavam lavando prédio do outro lado invadem a rua até a Loja de Artigos para Festa.)

#### **CORO DOS TRABALHADORES**

(Vendendo máscaras pela rua também.)

*- Não parece, eu sei, mas isso é um trabalho / - Quer trocar de máscara? sua máscara de motorista pela do Homem-Aranha / - Essa aqui não dá pra tirar... Máscara de trabalhador a gente já nasce com ela, mas compra essa aqui ó! / - Eu podia estar roubando, podia estar matando, mas tô trabalhando... / - Sabe aquela história do "suor do próprio rosto"? Pois é... / - Cê acha que eu tô me divertindo. / - Se desse prazer não era trabalho, né?*

(O Carro da Rádio continua avançando com o público.)

### **IMAGEM IÓ - II**

(Coro de Ió com o pincel na mão, mirando a paisagem e as pessoas, medindo tudo com os dedos, como quem se prepara para pintar. começa a pintar, pinta no ar, pinta em si mesma, pinta tudo o que vê, cada vez mais freneticamente, até congelar de repente. finaliza, desmonta sua figura e pede dinheiro ao público, passando o chapéu. trabalhadores observam tudo e comentam.)

## **CORO DOS TRABALHADORES**

*- Eu gosto de pintar também, sabia?... / - Legal cara, mas você pinta bem? / - Ô! Dá o maior trabalho / - Fala sério, isso lá é trabalho? - Quem trabalha sou eu, com o chicote bem perto do meu lombo! / - Ué, ela tá ganhando pra isso, então é trabalho. / - Ela ganha pra isso? / - Cadê o patrão dela?*

## **RÁDIO CIPÓ :: SR. BARAFONDA**

(Seguindo adiante direção ao açougue.)

Rádio Cipó também é cultura. A palavra “trabalho”, do latim, “tripalium”, instrumento de tortura de três pontas, “trabalho”, que segundo Voltaire, nos poupa de três grandes males: tédio, vício e necessidade. Será então tortura que nos salva? Interrogação... Mas Barafonda é, foi e será sinônimo de suor no rosto, mãos calejadas e labuta, muita labuta. Labuto eu, labutas tu, labuta você, seu filho da... grande metrópole que a todos engole, feito carne! É moinho que mói, mói, mói...

## **AÇOUGUE**

(Trabalhador-Hércules e um ajudante atravessam a rua com uma enorme peça de carne nos ombros. entram no açougue, falam com os funcionários, vão até os fundos guardar a carne. uma trabalhadora ocupa o lugar do caixa. ló está sentada no chão, encostada na balcão das carnes cheio de preços, encarando o público, fuma um cigarro. por trás delas, atrás do vidro do mostrador, Trabalhador-Hércules aparece, olha as carnes.)

## **RÁDIO CIPÓ :: SR. BARAFONDA**

(Segue, guiando até esquina.)

E seguimos a nossa programação, lembrando que daqui a pouco a resposta para a pergunta do dia: (Vinheta: “Pergunta do Dia!”) “Quem foi Lopes de Oliveira?” Não perca! Enquanto isso, você continua se aprofundando na várzea, na Chácara do Carvalho, flanando sem atrapalho e sua mente trabalhando, trabalhando, querido ouvinte... É, você pode não perceber, mas está filosofando o tempo todo... Não tenha a menor dúvida. Então pense! (Vinheta sonora para pensar.)

Pense no que disse o Barão de Itararé: “Quem inventou o trabalho, não tinha o que fazer!” E agora, na sequência musical, “Conselho de Mulher”, de Adoniran Barbosa, Oswaldo Molles e João Belarmino, oferecimento da Mãe-Terra da Garoa, ouça e fique na boa!

## **CANTORA DA RÁDIO**

*Pogrêssio, pogrêssio / Eu sempre escutei falar / que o pogrêssio vem do trabaio. / Então amanhã cedo, nós vai trabalhar / Quanto tempo nós perdeu na boemia / Sambando noite e dia / Cortando uma rama sem parar / Agora escutando o conselho mulher / Amanhã vou trabalhar, se Deus quiser / Mas Deus não quer...*

## **RÁDIO CIPÓ :: SR. BARAFONDA**

(Já chegando na esquina da Rua Brigadeiro Galvão, fazendo referência aos edifícios que se vê na paisagem.) Pois é, “pogresso”, perspectiva permanente na nossa paisagem barrrafundesca. No início a vasta várzea, depois o traço da linha da maria-fumaça, e depois... para o alto! Para o alto! A paisagem esculpida e seus cogumelos tomando de assalto nosso céu, roubando o horizonte!...

## **ESQUINA RUA BRIGADEIRO GALVÃO – DANETE**

(Sobre a faixa de pedestres, enquanto o sinal está fechado para os carros, cena em coros de trios. O coro da Dona de Casa grita, chamando a polícia: viu um homem roubando. Coro do policial pega o Coro do ladrão e bate nele com violência. Revista-o e encontra o objeto roubado: um danete. Policial esbofeteia o ladrão. O farol abre e os carros passam.)

## **BAR DA ESQUINA 2**

(Trabalhadores juntam o lixo, limpam as mesas, servem os fregueses, comem suas marmitas e o público assiste da esquina oposta, enquanto o farol está vermelho. Durante a cena, alguns limpam vidros de carro no outro sinal. Quando o sinal abre, o público atravessa a rua. Coro de Trabalhadores vai limpando a rua. Outros estão na porta do Bar da Esquina 2, comendo suas marmitas e comentando.)

## **RÁDIO CIPÓ :: SR. BARAFONDA**

(Seguindo para a Barbearia do Seu Miguel.)

E agora, finalmente, (Vinheta “Pergunta Do Dia!”) quem ainda não sabe quem foi Lopes de Oliveira? “Quem foi Lopes de Oliveira?” A resposta: não sabemos quem foi Lopes de Oliveira!!! Ninguém sabe. Apenas que o nego era republicano, e só! E a Barra Funda, minha gente, surgiu na mesma época, é irmã gêmea da nossa “adorada” Res-pública, que abre as asas sobre nós. Rádio Cipó também é cultura. Enquanto isso a raça de ferro continua na labuta e você “sigue en la ruta”. Barra Funda, pssst, disfarce, você é “clandestino”. Rádio Cipó, feito mula levando você pelos túneis da história-memória na Barafonda de tantos imigrantes peninsulares, ibéricos, nordestinos, bolivianos, marcianos, homéricos, em ondas e ondas que não cessam e fazem o moinho trabalhar e girar... e por falar em girar no mesmo lugar, vamos ouvir agora essa modinha de Mestre Dado, que fala por si só, solta o som nesse Cipó!

## **CANTORA DA RÁDIO**

*Trabalhar, eu não, eu não / Trabalho, não tenho nada / Só tenho calo na mão / O meu patrão ficou rico / E nós ficuemo na mão*



(Durante a música, o Coro de Ió passa novamente no contrafluxo do carro da rádio e público, rumo ao futuro, à Estátua de Prometeu – com a churrasqueira assando a carne do irmão cabrito morto.)

## **BARBEARIA DO SEU MIGUEL**

(Chegada na Barbearia. Miguel Arcanjo, barbeiro do bairro, guardião das histórias e da memória do bairro, está trabalhando junto com seu irmão, fazem barba e cortam cabelo dos fregueses.

Trabalhador-Hércules organiza o público para entrar no espaço ou se arrumar junto à porta. Na calçada, um mural com recortes de jornal antigos, cartazes e fotos sobre o bairro, assim como nas paredes da barbearia.

Freneticamente, Trabalhador-Hércules ajuda nas tarefas da barbearia ou, se há muita gente, organiza a ordem dos fregueses a ser atendidos, atribuindo números como senhas. Insiste o tempo todo que não há tempo a perder, que tudo seja rápido, pede para Seu Miguel ir mais rápido pra poder atender todo mundo etc.)

## **TRABALHADOR-HÉRCULES**

Hoje em dia o processo é diferente, Seu Miguel, é tudo mais rápido, acelera aí... (Etc.)

(Diálogo improvisado entre Seu Miguel Arcanjo e o Trabalhador-Hércules – Seu Miguel faz piadas, mostra fotos, conta das pessoas famosas que habitavam o bairro ou sua barbearia, o pintor Raphael Galvez, o escritor Mário de Andrade, Inezita Barroso, Mazzaropi...

Numa das cadeiras da barbearia, com a barba sendo feita, está o próprio Mario de Andrade.

Trabalhador-Hércules, sempre apressado, sai dizendo que precisa ir se matricular na escola de inglês do outro lado da rua. É a casa onde outrora morava Inezita Barroso.)

## **TRABALHADOR-HÉRCULES**

Preciso ir lá me matricular, estão me esperando, é sério, até logo Seu Miguel, preciso aprender inglês, pra gente melhorar de vida, fazer isso aqui crescer, depois fazer informática também, com licença, com licença...

(Etc. Sai da Barbearia e atravessa a rua.)

## **RÁDIO CIPÓ :: SR. BARAFONDA**

E continuando nossa programação musical, especialmente para você, que já perdeu sua identidade – e não tirou segunda via – de Luiz Peixoto e Vicente Paiva: “Disseram que eu voltei americanizada”.

## **CANTORA DA RÁDIO**

*Disseram que eu voltei americanizada / Com o burro do dinheiro, que estou muito rica / Que não suporto mais o breque do pandeiro / E fico arrepiada ouvindo uma cuíca / E disseram que com as mãos estou preocupada / E corre por aí um certo zunzum / Que já não tenho molho, ritmo nem nada / E dos balangandãs já não existe mais nenhum...*

## **ESCOLA DE INGLÊS**

### **TRABALHADOR-HÉRCULES**

(Saindo da escola de inglês, comemora a sua matrícula.)

Eu me matriculei!! Agora eu falo inglês! Ai - spíki - ínglishi - náu!!!

### **CORO DOS TRABALHADORES**

*"I speak English now!"*

(Começam a falar desenfreadamente em inglês, todos ao mesmo tempo. Carros passam entre o Coro e o público.)

*Time is money / The book is on the table! / ET phone home! / To be or not to be! / Come on baby, light my fire! / I'm a self-made man! / I fuck myself, but save my money! / I can't get no satisfaction! / Happy birthday to you! / Good morning, good afternoon, good evening, good night!*

(Trabalhador-Hércules puxa em inglês: "One, two, three, four!" E todo o Coro dos Trabalhadores canta uma marchinha.)

## **PRECISO APRENDER INGLÊS**

*Preciso aprender inglês / Alemão e japonês / Pra poder me aprimorar / Ter 2º grau completo / Falar português correto / Informática estudar / Para me desinibir / E quem sabe evoluir / E ganhar uma promoção / Resolvi fazer teatro / Me disseram que de fato / É uma boa opção*

## **IMAGEM IÓ - III**

(Coro de Ió tenta se comunicar com as pessoas. Ao som de uma guitarra distorcida ela tem um pincel na mão, que faz de garfo, e leva à boca tudo que vê, empanturra-se e depois 'vomita' um imenso tecido vermelho que sai de sua boca.)

(Trabalhadores comentam.)

## **CORO DOS TRABALHADORES**

*– Ah, essa é a que eu mais gosto. / É muito bonito mesmo. / Ela é que nem eu: vive engolindo sapo. / Cê só se queixa, né? / Ela faz das tripas coração pra ganhar o pão. / Isso aí é pouco, meu caro, a gente se vira do avesso / Tá vendo: ó as tripa aí... / Isso, põe pra fora, que é melhor... chega de engolir sapo!!! / Calma cara... / Calma o caralho, esse é seu problema, te sobra calma!*

(Após a cena a 'Plateia' de Trabalhadores joga tomates no Coro de Ió e vaia. Discussão.)

## **IÓ**

Pô, não se pode mais nem fazer teatro!...  
(Etc.)

(Rádio Cipó continua conduzindo o público, vão até a Serralheria.)

## **FALTA UM ZERO NO MEU ORDENADO**

### **CANTORA DA RÁDIO**

*Trabalho como louco  
Mas ganho muito pouco  
Por isso eu vivo sempre atrapalhado  
Fazendo faxina  
Comendo no "China"  
Tá faltando um zero no meu ordenado*

*Tá faltando um zero no meu ordenado  
Tá faltando sola no meu sapato  
Somente o retrato  
Da rainha do meu samba  
É que me consola  
Nesta corda bamba*

### **RÁDIO CIPÓ :: SR. BARAFONDA**

Você ouviu, de Ary Barroso e Benedito Lacerda, "Falta um Zero no Meu Ordenado", um oferecimento das forjas de Vulcano, aqui na sua Rádio Cipó, z.y.l.o. 342, voltando cada vez mais no espaço-tempo em direção ao início desta jornada.

Você que de manhã caminha sobre quatro patas, à tarde com duas e à noite com três.  
Você não ganha nem pra comer?  
Então decifra-me ou se devore...

## **SERRALHERIA**

TRABALHADOR-HÉRCULES lá dentro, solda uma barra de ferro. Barulho das máquinas. Ou, se a Serralheria estiver fechada, ele fala na calçada, em frente à cortina de ferro.)

### **TRABALHADOR-HÉRCULES**

Tudo bem? Tudo bem? Vou dar um tempinho aqui porque daqui a pouco eu pego no batente. A jornada de hoje vai ser longa... a de ontem também foi ... e espero que a de amanhã também. Zeus queira que eu tenha sempre muito trabalho e me dê força e coragem para lutar todos os dias, pra matar um leão, uma serpente com nove cabeças e corpo de dragão, um javali, algumas aves com asas, cabeça e bico de ferro, um touro e um gigante por dia.

Hoje em dia é assim! Pra sobreviver tem que trabalhar. Acho que sempre foi assim, né? Desde que eu me entendo por gente: trabalho, suor, trabalho, suor, trabalho, suor, trabalho, suor... Às vezes até parece castigo... Trabalha, trabalha, trabalha, trabalha, trabalha, sai um pouquinho do castigo, dá uma descansadinha, e volta pro castigo, trabalha, trabalha, trabalha... mas castigo mesmo deve ser ficar sem trabalho. Sem propósito, sem serventia, sem utilidade, sem ter por quê, sem ter pra quê. Eu trabalho... eu trabalho, eu trabalho pra... eu trabalho... pra... ser homem. Por que se eu fosse um deus eu não trabalharia, nem fodendo! Mas daí eu não seria homem. Nem mulher, nem criança.

Eu trabalho desde muito cedo, desde muito antes, desde quase sempre. Já saí da caverna ainda no escuro, sem saber o que era dia e o que era noite, cacei e comi cru. Já entendi a terra, plantei, criei, colhi e comi. Já construí casa, morei na cidade e saí do campo. Já troquei sapato que fiz inteiro, por pão, leite, vinho e mel. Já aprendi o que era moeda e ganhei uma em troca de corrente de ferro inteira que forjei. Aprendi a trabalhar por dinheiro. Virei empregado. Já montei carro, não inteiro, mas fui responsável por essa e aquela peça, por essa e aquela parte. Já me juntei com companheiros pra lutar pelos nossos direitos. Já fui explorado, escravizado e continuo sendo. Sou pau pra toda obra, faço qualquer coisa, de tudo sei um pouco... de TUDO um POUCO... e continuo trabalhando, trabalhando... Mas até quando? Não sei. Só sei que hoje... Que dia é hoje? (Alguém dia a data.) Nesta data, até agora, às... que horas são?... (Alguém diz as horas.) Nesta data, nesta hora eu... eu estou atrasado!! Com licença! Eu tenho que fazer um bico ali!!! Pagar uma conta!

(Trabalhador-Hércules atravessa a rua em direção ao Banco e convoca o público a continuar caminhando.)

***FAIXA DE PEDESTRES DA RUA BARRA FUNDA.  
EM FRENTE AO BANCO MENDIGOS  
COMENDO MERDA DE CÃO NO ASFALTO.***

(O Coro dos Mendigos está sobre as quatro faixas de pedestres do cruzamento. Cada um relaciona-se com um montinho de merda de cão. Aproximam-se, cheiram, pegam, manipulam. Juntos numa das faixas, comem as fezes em uníssono. Os carros no sinal buzina impacientes.)

(Música acompanha a ação do Coro dos Mendigos.)

## **CAPELINHA DE MELÃO / NÃO É DE COMER**

### **CORO DOS TRABALHADORES**

*Capelinha de melão / É de São João*

*É de cravo, é de rosa / De manjeriço*

*São João está dormindo / Não acorda, não*

*Não / Não coma / Não é de comer...*

(A Rádio Cipó pontua sua despedida.)

E a Rádio Cipó anuncia: Agora são precisamente horas de se ligar e seguir! Vamo lá, raça de ferro! Vem que é sua! Por ora nos despedimos, mas não mude de frequência. Rádio Cipó acompanha você até o fim nessa jornada, a vida continua, o tempo não para. Olha lá, olha lá! Entre nesse filó. Aqui Rádio Cipó, z.y.l.o. 342. Vamos nos aconchegar, vamos voltar para o ventre de nossa mãe, o melhor lugar do mundo, para depois nascer de novo. E não pense que nascer de novo é sopa!... A hora do parto está prestes a raiar. Prestes, capisce? Ciao, ragazze, ciao...

(TANGOLOMANGO – personagem caracterizada com fantasias de resto de carnaval – surge do fundo da rua, por trás do público, do seu radiozinho ouve-se a música “Mosca na Sopa” de Raul Seixas – ele é quem conduz o público até a frente da sede, a Casa de São Jorge.)

## **IMAGEM IÓ :: IV ENTRADA NA SEDE**

(Num poste ao lado da Sede, o Coro de Ió está tecendo um casulo, enredando e cobrindo a mosca. Ela cobre o corpo da mosca por inteiro e dança ritualmente ao redor, ao som de tambores e da música de Raul Seixas.)

### **CORO DOS TRABALHADORES**

Eu sou a mosca que pousou na sua sopa

Eu sou a mosca que pintou pra lhe abusar

Eu sou a mosca que perturba o seu sono

Eu sou a mosca no seu quarto a zumbizar



## **ENTRADA NA SEDE**

(A Mãe e Dioniso chegam pelo outro lado da rua, puxando um carrinho que traz uma bananeira desenraizada e os chifres do irmão-cabrito morto. Dioniso vem tocando o berrante e carrega seu pandeiro quadrado. A Mãe tem uma expressão de dor e tristeza. Dioniso vai alternando em dualidade a expressão de dor com a de alegria desenfreada. Chegando em frente à sede, Mãe pega a bananeira desenraizada do carrinho, Dioniso pega os chifres e ambos entram na sede, Dioniso convida todos a entrar na Casa de São Jorge.)

## **II :: PRESENTE**

### **1 :: SEDE – CASA DE SÃO JORGE**

#### ***CORREDOR DE ENTRADA DA CASA DE SÃO JORGE***

##### **GALVEZ**

(Com um ramo de louros na mão.)

Aqui estou eu novamente, Raphael Galvez, agora aos 36, estatelado exatamente no meio da linha do tempo, que já nos consumiu metade da minha e da nossa história. Fôssemos infinitos, tudo mudaria. Como somos finitos muito permanece. Cena 07. Chegamos ao presente. E não tem sido tão harmoniosa a entrega dos agradados. Barra Funda, eh Barra Funda, acabo de achar um, presente, dentro do meu coração, aqui, dentro desse pequeno embrulho, pega fogo a favela do Moinho. Aqui ó, do lado de baixo das minhas costelas direitas, do lado do meu fígado, outro presente, meninos de rua, homens e idosos fumam crack, carregando a minha última flutuante. Meu estômago serve de abrigo às balas de borracha. Eu comi tudo. A Cracolândia acabou. A Cracolândia sou eu. Alguns dormem entre as minhas vértebras, como se estivessem protegidos embaixo de árvores. Já no meu cérebro, um enorme pacote está fechado, lá dentro milhares de carros de autorama, vagam dia e noite, por todas as milhares de voltinhas da minha pista-cabeça. A cada três minutos, juntos, eles param seus carros, abrem as janelas e gritam calmamente, me perguntando: “Por que você ainda canta?” Eu esboço uma pequena reação, uma média reação, meu corpo quase explode e eu não faço nada. Calado, com meus companheiros, volto ao trabalho. Vamos continuar. Cena 06. Cuidemos para não pisar no que ainda resiste.

(O público adentra o salão. O Coro aos pouco entoa um baião de princesas.)

## **A SALA TÁ CHEIA**

### **CORO**

*A Sala tá cheia minha gente / Como é que eu entro agora / Eu entro minha gente, eu entro / Com Deus e Nossa Senhora*

## **MOVIMENTO 1**

### **CAMARINS**

[A Mãe abre a porta do saguão e convida todos a se sentar. Músicos tocam enquanto a platéia se acomoda. Os atores estão em seus camarins espalhados pelo espaço. Alguns estão cuidando de ferimentos, outros tirando a maquiagem. No fundo do saguão. Há uma bananeira plantada num vaso.]

### **COZINHA**

[Há uma movimentação na cozinha também. Atores servem comida e bebida para o público, arrumam o espaço, regam plantas etc. Dioniso agora é seu Dionísio Barbosa e abre garrações de vinho, arruma copos etc.]

### **MÃE**

Ô cabritada, tá faltando o cheiro do café aqui nesta casa. Marita, minha filha, põe bastante pó no coador que a casa tá cheia, e eu quero manter todo mundo acordado... Maria Carulina, levanta dessa cadeira vamos matar a sede e a fome desse povo, acende o fogo que aqui não é lugar de coração gelado... (Etc.)

### **SEU BARAFONDA**

[Seu Barafonda conta histórias sobre sua infância passada na Barra Funda, sobre a padaria do seu pai, sobre o cheiro de comida e a música que vinha dos porões das casa, onde habitavam os negros, sobre o seu time de futebol de várzea, o "Condor", cuja sede era o porão da padaria – escalação: Spaghetti [ele mesmo], Limpa-Trilho, Zé da Escada, Capivari, Pescoço, Clébio etc.] – e sobre seu eterno rival, o time do "Astro", e dos jogos ao longo da linha do trem que atravessava a várzea. Fala do Largo da Banana, do trem que descarregava bananas, dos trabalhadores que jogavam caxeta e faziam rodas de tiririca, de Dionísio Barbosa e dos primórdios do samba.

Conta que, quando era moleque, ia lá junto com outros meninos olhar o movimento e surruiar bananas, conta do Circo Piolim, onde entravam para assistir escondidos, passando por baixo da lona. Fala de diversas pessoas e figuras do bairro, do vendedor de gelo que passava na rua e deixava brincar com a barra de gelo, sobre o leiteiro que passava com cabras, vendendo leite tirado na hora etc. Etc.

## **MOVIMENTO 2**

### **TEMPERO DO CABRITO**

#### **MÃE**

(Toca o sino, todos param o que estão fazendo. Ela tem uma bandeja com carne crua nas mãos. O Coro dos Cabritos faz “Méééé...”)

*Nesses tempos de sede e fome  
Em que tudo nos é retirado  
Na contramão fazemos aqui nossa oferenda.  
Um cabrito morto e muito bem temperado*

*Pra lembrar que a cada dia morremos um pouco  
E que muitos são mortos para manter vivo um outro.  
Em tempos de sacrifício, não podemos esquecer o que é sacrificado.*

#### **SEU DIONÍSIO-DIONISO**

Um minuto de silêncio! (Pausa.Puxando o samba.)  
Para o cabrito que morreu (O Coro dos cabritos acompanha.)  
*Se hoje a gente samba / É que o couro ele nos deu*

### **O COURO DO FALECIDO**

#### **CORO DOS CABRITOS**

*Um minuto de silêncio  
Para o cabrito que morreu  
Se hoje a gente samba  
É que o couro ele nos deu*

*Castigue o couro do falecido  
Bate o bumbo com vontade  
Que a moçada quer sambar*

*Castigue o couro do falecido  
Morre um para bem de outros  
A verdade é essa, não se pode negar...*

(Durante a música, Seu Dionísio tempera o cabrito com louro, vinho etc. Pega o cabrito e o leva sambando até o centro do salão, onde há uma churrasqueira.)

## **CHEGADA DE IÓ**

(De súbito, o Coro de Ió entra na sede, ela sempre atormentada pela mosca. A música para. Todos param. A mosca emite sem parar um som estridente.)

### **DIONISO**

Menina Ió! Veio buscando o rebanho? O rebanho que antes era seu e que você mesma esqueceu? Faz tempo que Menina Ió caiu no mundo...

*Mexeu na terra / Vagou na guerra, cresceu de tamanho...*

### **CORO DE IÓ**

Eu chego de pés descalço, essa é minha ousadia e essa nudez de pés é minha humildade. Quero também ser o que não sou... O irmão que vive no sonho, volta a morrer quando eu acordo?...

Estou aqui. Estou só. Estou presa. Eu, Ió, a assassina, a desgarrada, a decaída, a atormentada. Antes tivesse ficado na imanência da natureza. Mas não, fui criada assim, como luz que cega, como fogo que queima. Luto não contra os que compram e vendem apartamentos e carros e procuram se casar e ter filhos, mas luto com extrema ansiedade por uma novidade de espírito.

### **CABRITO 1**

Pra comer de novo do coração da bananeira, inda tem muita inhaca, ranho, zoeira. Não tem arte que dê conta, alma faceira não se compra.

### **CABRITO 2**

O caminho era um só, agora é um labirinto de nó.

### **CABRITO 3**

O quebrado, quebrado está, não pode ser colado, enjeitado, consertado.

### **CABRITO 4**

O assassinato do irmão é a fissura, a eterna separação

### **CABRITO 5**

Nosso ponto de união, é o mesmo que nos separa.

[Balidos do Coro dos Cabritos concordando: “Méeéé...”]

## **CORO DE IÓ**

Então o que é a vida, um frenesi? Uma ilusão? Um desencontro cruel, uma casa vazia? Um número sorteado? Uma loucura que a morte faz? Isso não é um lamento, é o grito de uma ave de rapina. Entre a palavra e o pensamento existo eu. Efêmera, colada no dia. Padecente. Faminta. Friorenta. Humilhada. Eu chego de pés descalço, essa é minha ousadia e essa nudez de pés é minha humildade. Quero também ser o que não sou.

[Balidos do Coro dos Cabritos reagindo a Ió: “Méeéé...”]

[Ió arranca um de seus chifres e o deposita na churrasqueira. A mosca cessa o barulho, e pousa no chão, imóvel, cessando o tormento. Ió pega o inseto cuidadosamente e o envolve num pano branco, como num casulo.]

[A Mãe e o Coro de Cabritos pegam Ió e lhe dão banho, secando-a e vestindo-a com uma túnica branca. Tangolomango acende a churrasqueira com a carne do cabrito. O Coro de Ió fica pronto para partir de novo. Abraçam Dioniso e choram. Ele carrega uma flauta de Pan.]

## **DIONISO**

Menina Ió se livrou da tortura?

Jogou fora o agulhão?

Mas seu caminho vai é seguir, como não?

A raça inda é escrava, é fogo buscando ascensão!

Segue de banda, que teu olho só destapou um véu.

Carrega teu irmão morto, esse peso é teu.

Nas quebradas do mundaréu, não tem proeza, nem arreglo de nascença.

Então leva o teu irmão, Menina Ió, boa viagem, tchau e bença! Vai...

[Entoa como ressonadores mágicos.]

VAI

SAI

SIM

VIM

VÃO

MÃE

VEM!

[A música começa. Tangolomango retira-se primeiro. Coro de Ió sai levando a churrasqueira com a carne do cabrito. O Coro dos Cabritos inicia um lento e movimento de saída, ao ritmo ondulante da música, enquanto a mãe fala e Dioniso toca sua flauta. A Música tem um único refrão: “Vem!”]

## MOVIMENTO 3

### *PREPARAÇÃO FINAL*

#### **MÃE**

Vem!

Vem, tu que és a alma da alma da alma do giro!

Vem, cipreste mais alto do jardim florido!

A vida de cada um aqui é o tempo de contar um.

É um relâmpago fugaz perdido no céu escuro da eternidade.

Então vem espiar além da grade.

Não se confine às paredes de dentro da vulva.

Estoure os limites do grelo da greta da gruta da garagem

Rompe muros

Rasga paredes

E VEEMMM...

#### **GALVEZ**

O nosso futuro, agora já é conhecido, tristes são os homens e uma época que conhecem qual será o seu destino. Em tempos sombrios ajudam-nos aqueles que souberam andar à noite.

Entre corpos, escombros e embalagens vive há milênios a pequena orquídea.

E se os nossos próximos passos estão fadados à concretude, só nos resta caminhar para o passado, um passado que não nos foi contado, nem passado a nós.

Mas que ainda temos nele a esperança, os mistérios, os sonhos e as nossas utopias, as nossas revoluções massacradas!

(Sai correndo em direção à saída.)

Vita nova!

(O Coro dos Cabritos termina de se formar para sair, ao som do refrão “Vem!” Começa a cantar e a andar no movimento ondulante de saída que levará ao Nascimento.)

### *NASCIMENTO*

#### *DEM VEM ESPIAR ALÉM DA GRADE*

#### **CORO DOS CABRITOS**

Vem, vem, vem, vem, vem

Estoure os limites do grelo, da greta, da gruta, da garagem

Vem espiar além da grade!



(Todos vão saindo da sede ao som da música. Na porta está a Mãe, elevada. Todos passam por debaixo dela, saindo da sede como num grande parto. Ela vai fazendo o trabalho de parto e nomeando os filhos que saem. Nasce todo o público. Por último nascem os Cabritos, Cabras e Dioniso com sua flauta.)

## **MÃE**

Erguei os tamborins nativos da cidade  
Vultos dos escombros nativos do concreto  
Eu crio crianças na rua, eu crio crianças no asfalto  
Almas ávidas que querem o novo  
Olhares estrangeiros para o conhecido  
Erguei os tamborins nativos da cidade

(Sai carregada pelo Pastor de Cabras/Vendedor de Leite. As cabras e cabritos soltam seus balidos.)

## ***EM FRENTE À CASA DE SÃO JORGE***

(A obra de Galvez – a Estátua de Prometeu – está do outro lado da rua, elevada num andaime. Prometeu prisioneiro observa a cena. Coro de ló aos pés da estátua. A mosca as acompanha com seu tormento.)

## **MÃE**

Prometeu, imortal prisioneiro,  
Em vão são nossos esforços para te libertar  
Te resta continuar nos assistindo...  
Que sina a sua...  
Olha, vê e se compadece da história de meus filhos  
Observa o caminhar deles em direção da morte  
Porque depois do nascimento pleno de vida  
A mãe só assiste seu filho escolher como será seu fim  
Phêu, phêu, Prometeu!

(A Mãe e seus filhos do Coro de Cabritos põem-se a caminho, seguindo em fila indiana pela Rua Lopes de Oliveira. Dioniso os segue, tocando sua flauta. Os balidos das cabras se confundem com os gemidos de Prometeu, até sumirem.)

## **PROMETEU**

(Quase totalmente estátua, abre os olhos devagar e começa a retomar sua energia, sua personalidade. Coro de ló sobe no andaime.)

Euuuu, euuuu Prometeu Â â éa éa! Â â éa éa! Barra Funnnnda, Barras Fundas de aço, na carne, no corpo, no sangue, de pedra, cimento e aço. Phêu, phêu, sou Prometeu.

Eis me a gemer pelos males presentes e pelos males futuros. Os homens devem-me todas as suas artes. Não os critico. Mas fique claro: benevolência minha deu-lhes dádiva. Em seus primórdios os homens tinham olhos, mas não viam, tinham ouvidos, mas não escutavam! Viviam como formigas ágeis, ocupavam o fundo das cavernas. Os homens desconheciam casas de tijolos e o trabalho na madeira. O número, eu lhes inventei. A composição das letras, eu lhes inventei. Eu mesmo, e mais ninguém, inventei os veículos de asas de pano que permitem aos homens percorrerem os mares.

Fui também o primeiro a prender os animais aos arreios, para livrar os homens do trabalho árduo. Não existiam remédios para os doentes, por falta de medicamentos vinha a morte. Até o dia em que mostrei as criaturas, poções capazes de afastar inúmeras doenças. Eis minha obra. Até os tesouros da terra eram desconhecidos pelos homens. Cobre, ferro, prata e ouro. Quem lhes revelou antes de mim? Os homens devem-me todas as suas artes. O autor da arte humana é Prometeu.

### **CORO DE IÓ**

Prometeu, não é nada agradável ouvir mais uma vez seus gritos de dor, mesmo porque os seus esforços pela humanidade não foram nada úteis. Ainda somos como formigas na escuridão. Pior. Agora, com seu fogo, somos crianças com arma na mão. Há cobre, a prata e ouro pra todos e não há ferro prata e ouro pra todos. Com os nossos olhos e ouvidos vemos e escutamos misérias. Os números calculam e comemoram as distâncias entre nós. A arte que o homem mais aprecia é a que entorpece. Sentimos o cheiro da eternidade graças ao seu presente, mas o que Dioniso nos deu é o que nos faz realmente capazes de mais liberdade e que você nos deu nos torna semelhantes a você, presos em pedras, vidros, gavetas, imagens... E agora estou só. Estou presa. (Canta enquanto a Mosca as atormenta.)

## **COMO É QUE SE MORRE**

### **CORO DE IÓ**

*Já estava escrito, ou escrevemos agora? Já estava escrito, ou escrevemos agora?  
O que é a vida um frenesi, uma ilusão, sonho, sombra, ficção?*

### **PROMETEU**

Eis a minha obra!

### **CORO DE IÓ**

Estava no calor dos meus 10 anos, quando, diante da morte, quis viver mais, quando vi que eu tinha em mim o fogo todo do mundo, quando eu vi que eu era uma. Uma só. Que se eu estivesse bem, estaria tudo bem. Se eu estivesse viva, tudo estaria vivo. Então disse: o que me importa? O que me importa? O que importa? Nem por mal, nem por bem, por mim. E agora estou só. Estou presa. (Continua cantando.)

*Já estava escrito, ou escrevemos agora?  
Já estava escrito, ou escrevemos agora?  
Entre a palavra e o pensamento, entre a palavra e o pensamento existo.  
Quero também ser o que não sou.  
Estou só. Estou presa.  
O vento como companhia  
Como é que se morre?  
Como é que se morre? Me ensina!*

## **PROMETEU**

Eis a minha obra!

(Prometeu se destaca da instalação, se transformando em Raphael Galvez. Ele desce da instalação. Carros passam entre atores e o público.)

## **CORO DE IÓ**

Prometeu!!!

## **GALVEZ**

Prometeu!!!

Ser ou não ser - eis a questão.  
Será mais nobre sofrer na alma  
Pedradas e flechadas do destino feroz  
Ou pegar em armas contra o mar de angústias –  
E combatendo-o, dar-lhe fim? Morrer, dormir;  
Morrer – dormir! Talvez SONHAR!  
AÍ ESTÁ O NOSSO OBSTÁCULO!

(Tangolomango aparece. Toca em seu rádio “Metamorfose Ambulante”, de Raul Seixas. Vai em direção à rotatória com a rua Vitorino Carmilo. Conduz o público junto com ele.)

## **TANGOLOMANGO**

Sejam responsáveis por suas vidas. Andem nas calçadas.

## ***EM FRENTE AO ATELIÊ QUE FOI DE RAPHAEL GALVEZ***

## **GALVEZ**

Eu poderia ter inventado, mas aqui é o ateliê de Raphael Galvez. Eu saía todo dia da minha casa na rua de trás e vinha andando até aqui. Trabalhava das sete da manhã até as seis da tarde. Depois eu ia pra Padaria Palmeiras tomar um café, depois eu ia dormir. Agora vocês podem seguir, que aqui é só uma cena de passagem. Eu vou fazer ela mais três vezes!

## **2 :: ROTATÓRIA – RUA LOPES DE OLIVEIRA ESQUINA RUA VITORINO CARMILLO**

(Tangolomango chega no cruzamento da Rotatória e segue adiante, deixando a cena para o Coro Dionisíaco, que está com o Carrinho Da Bananeira. O público se distribui pelas esquinas do cruzamento. Os carros passam. Trabalhadores passam faixas de isolamento para proteger o público.

A Mãe se destaca do Coro carregando a bananeira desenraizada. Entra sozinha na Rotatória, enquanto Dioniso e o Coro observam.

Dioniso e o Coro tocam berrante enquanto a Mãe procura um lugar para re-plantar a árvore. No centro da Rotatória, ela tenta exaustivamente furar o asfalto com a enxada, instigada pelo Coro. Após várias tentativas ela se entrega ao chão enquanto o Coro invade o espaço com enxadas, pás e picaretas, tentando perfurar o asfalto.

O Coro dos Privadas, numa das esquinas com o público, observa tudo de fora e após alguns golpes no chão, tenta interromper a ação.)

### **CORO DOS PRIVADAS**

EEEEEEEEEEEE!!!

(O Coro Dionisíaco interrompe sua ação. Dioniso e a Mãe avançam ao centro da Rotatória. Tem início uma discussão.

Dioniso entra também na Rotatória, com uma caixa de engraxate que usa para elevar-se.

O Coro Dionisíaco responde em forma de música, cantando “Viemos Plantar a Bananeira”.)

### **CORO DOS PRIVADAS**

O que vocês estão fazendo?

### **CORO DIONISO**

*Viemos plantar a bananeira.*

*Viemos plantar a bananeira.*

### **CORO DOS PRIVADAS**

Plantar uma bananeira, no meio de uma rotatória?!?

### **CORO DIONISO**

*Na tábua das candongas a verdade é uma só*

*Semente sem a terra acaba, vira pó.*

### **CORO DOS PRIVADAS**

O quê!? Como assim? Vocês estão quebrando a rua!

Vão plantar noutro lugar!

### **CORO DIONISO**

*Aqui não tem maldade, aqui não tem feitiço  
Satisfaço meus fiéis, faça sol, faça chuvisco.  
Se dançar é preciso, e saiba que preciso é  
Em caco ou em coro, aos saltos, evoé!*

### **CORO DOS PRIVADAS**

Para! Para! Para com essa cantoria e explica direito!

### **CORO DIONISO**

*Cantamos porque o rio está soando  
E quando soa o rio, soa o rio  
Cantamos porque o grito só não basta  
E já não basta o pranto nem a raiva  
Cantamos nossa reza, nossa prece  
Cantamos porque o sol nos reconhece  
E nesse talo, naquele fruto  
Cada pergunta tem a sua resposta...*

### **CORO DOS PRIVADAS**

Eu moro aqui há mais de cinqüenta anos, vocês estão destruindo esse lugar que eu amo!

### **CORO DIONISO**

*Nós também estamos aqui há muito tempo...  
Nós também estamos aqui há muito tempo...  
Nas quebradas do mundaréu não tem atalho  
Todo bárbaro manja esses trabalho...  
Mas outros são assim, esperto ao contrário, ao contrário.*

### **CORO DOS PRIVADAS**

Essa terra que a senhora quer não existe mais.

### **CORO DIONISO**

*A terra está aqui.*

### **CORO DIONISO**

(Começa a entoar uma sequência de ressonadores.)  
AAAAA OOOO IIIIIIII UUUUUU

### **CORO DOS PRIVADAS**

Essa rotatória é uma via pública organiza o trânsito, evita acidentes. Essa é a verdade!  
– Insetos! Vândalos. Desocupados! Vagabundos! Arruaceiros!

(Acabam-se os argumentos e o coro dos privadas iniciam uma série de insultos. Armam-se com cones de segurança, placas de trânsito, placas de rua, placas de imobiliárias, extintores, mangueiras, cavaletes, espelhos etc. Dioniso puxa uma música e invoca seu coro para finalmente plantar a bananeira, com terra, enxadas, vasos e garrações de água. Dançam enquanto plantam.)

## **DIONISO BARRA FUNDA**

### **CORO DIONISÍACO**

*Mas quem vem comigo  
Se inunda de humor, prazer e graça  
Vem jocunda força dessa raça  
Minha gente saia fora  
Minha terra é agora, é aqui  
É Barra Funda!*

(O Coro dos Privadas se monta como uma tropa de choque com capacetes e cassetetes. No auge da música e da ação de plantar a bananeira, uma sirene soa, os privadas invadem a rotatória e o coro dionisíaco é reprimido com truculência. A bananeira é arrancada. Dioniso tenta impedir e é espancado e preso. Todo o coro sente os mesmos golpes que ele recebe. Trabalhador-Hércules traz para o centro da rotatória uma gaiola/prisão, encarcerando dioniso. A Mãe está caída junto com a bananeira. Todo o coro está no chão.)

(Dioniso agora dentro das grades está sentado em sua caixa de engraxate e sua figura agora é do sambista Dionísio Barbosa – paletó, camisa verde, calça branca e chapéu de sambista.)

(Coro de Ió aparece passando, são conduzidas pela mosca, que as leva presas a uma corda enquanto as seduz a ir adiante mostrando uma mosquinha numa vara. Topam com Dioniso preso, param, ajoelham-se. A mosca solta a corda e elas não sabem para onde ir.

### **CORO DE IÓ**

Eu perdi alguma coisa... eu perdi... Valia muito... Tava aqui agora mesmo!... Eu fui roubada!! (Saem olhando para todo mundo de modo arrogante.) Foi você? Ou você? Eu nasci pra ser feliz! E fui roubada!!! Você não conhece meu pai!!!

(Seguem adiante pela rua em direção ao Futuro.)

(Os Sambistas, como Coro do Grupo da Barra Funda, bloco precursor da Escola Camisa Verde e Branco, entram na Rotatória cantando.)



## **SEU DIONÍSIO BARBOSA**

### **CORO DO GRUPO DA BARRA FUNDA**

*Eu quero ver o surdo gemer, o cavaco chorar  
Seu Dionísio Barbosa acabou de chegar.*

(Galvez e Trabalhador-Hércules tiram Dioniso-Dionísio Barbosa da prisão. Galvez convoca o público.)

### **GALVEZ**

Vamos continuar? Vamos cruzar a linha do trem? Cena 04!

## **3 :: FINAL DA RUA LOPES DE OLIVEIRA**

### **CORDÃO RUMO AO LARGO DA BANANA**

(Cortejo do Coro Dionisíaco conduzindo o público pelo meio da rua em direção à linha do trem, ao fim da rua Lopes de Oliveira), cantando uma marchinha como os antigos cordões. Carregam ainda suas pás e enxadas, junto com os instrumentos. Trabalhador-Hércules puxa o carrinho da bananeira com a mãe e sua enxada. Dioniso-Dionísio Barbosa vai na frente, evoluindo com sua caixa de engraxate e o pandeiro.)

## **Ó DA RUA**

### **CORO DIONISÍACO**

*Ó da rua, do palácio  
Do concreto, do porão  
Vem cantar essa Barafonda  
Vem saudar nosso cordão*

*Viemos aqui para dançar  
Dançar por Dioniso a doce dança  
E assim participar do que é eterno  
Cravar amor no peito feito lança*

*Do que no mundo sempre é e nunca finda  
Do que fica mesmo quando não mais somos  
Do que é belo e faz a vida ser mais linda  
Do que ecoa mesmo quando não gritamos*

*Cantemos sempre intenso e forte  
O que nos faz vivos em direção a morte*

*Ô da rua, do palácio  
Do concreto, do porão  
Vem cantar essa Barafonda  
Vem saudar nosso cordão*

*A voz do tambor de longe chama  
Saúdo os bambas do Largo da Banana  
Planta-falo de pseudo-bagas  
Árvore sagrada que não tomba e nunca acaba  
Sou a folha da árvore primeira,  
Sou Dioniso, o coração da bananeira  
Não há quem consiga me deter  
Quem quiser se lambuzar, venha meu fruto colher*

*Banana prata, banana ouro  
Ganzá de lata, tambor de couro  
Banana nanica, tem banana pão  
Tem leite e mel, vinho jorrando do chão*

*Cantemos sempre intenso e forte  
O que nos faz mais vivos em direção a morte*

(Ió cruza o cortejo na direção contrária, sempre atormentadas pela mosca. O Coro canta a música duas vezes e se detém.)

**MÃE** (Do alto do Carrinho da Bananeira.)  
Minha gente saia fora, da janela venha ver,  
Eu venho a tanto tempo bradando pela estrada  
Numa mão empunhando uma enxada  
E na outra essa planta arrancada  
Na busca de uma terra pra ela ser replantada,  
Não vaso que apenas contém, mas terra, terra transbordada!!!  
Vem pro coro então  
Porque filho meu não vive, nem morre em vão!!  
Vem e entoa essa canção de uma dor que não pode ser esquecida.  
Deslumbrante na avenida

(Ouve-se um cavaquinho à distância puxar um samba. O público avança e vê Dioniso com os Cabritos-Músicos, sentado em sua caixa, engraxando o sapato de um deles. Começa a cantar enquanto termina o serviço.

## **APOTEOSE DE DIONISO**

(Em deslocamento pela rua e calçadas, por entre o público.)

### **DIONISO BARRA FUNDA**

#### **DIONISO E CORO DIONISIACO**

*Quem eu vejo lá?  
Quem eu vejo cá?  
Quem era só seiva  
Já brotou pra me alegrar pra me alegrar  
A terra úmida não pára  
Lança seus filhos na marra  
E esse fruto do porão  
Sai pra ver e andar no mundo*

*Eia! Cabritada-negrada!  
Cabritada-negrada  
Aqui, aqui, ali, aqui e ali  
Aqui estou aqui cheguei  
Pelo fulgor de um divino raio  
Quando chego no lugar  
Dali não saio*

*Eh, Barra Funda, eh, Barra Funda  
Entre o trem e o viaduto  
Feito carta de baralho  
Olha só o que fizeram da Chácara do Carvalho*

*Por favor, não reparem  
Sou sempre assim, forasteiro  
Venho sempre do estrangeiro  
Carregando meu pandeiro*

*E sempre alguém quer me expulsar  
Ou então, emputecido  
Quer me aprisionar  
Minha natureza é pular  
Não tem corrente que vá me amarrar  
Bebê esperneia, cavalo corcoveia  
Samba incendeia  
Incendeia*

*Não se enganem, não  
Quem não me segue enlouquece  
Quem de si mesmo não esquece  
Despenca no abismo da alma  
Nunca tem sonhos nem calma*

*Mas quem vem comigo  
Se inunda de humor, prazer e graça  
Vem jocunda força dessa raça  
Minha gente saia fora  
Minha terra é agora, é aqui  
É BARRA FUNDA*

## **MILAGRE DO VINHO**

(Ao final da música, Dioniso sobe no carrinho da bananeira, onde está a Mãe, agarra o bico dos seus seios, grandes como enormes garrações. Suspense, ele puxa e o vinho começa a jorrar dos seios.)

## **TRABALHADOR-HÉRCULES**

(Experimentando o líquido para saber o que é, anuncia a todos.)  
É vinho! É vinho!! (O Coro comemora, dirigem-se todos ao Carrinho. Bebem o vinho e servem o público.)

(Os Cabritos-Músicos começam a tocar um samba. O Coro canta novamente para Dionísio Barbosa e Dioniso assume a figura do sambista velho, com seu paletó e seu pandeiro quadrado. Todos sambam.)

## **SEU DIONÍSIO BARBOSA**

### **CORO DIONISÍACO**

*Eu quero ver o surdo gemer, o cavaco chorar  
Seu Dionísio Barbosa acabou de chegar. (Ele é um deus!)*

## **NASCIMENTO DA BOLA**

(De repente, a Mãe começa ter contrações. A música cessa e todos olham enquanto Seu Dionísio Barbosa vai ajudar a dar à luz. Novo suspense. É sua vez de fazer um milagre. Surpreendentemente, a mãe dá à luz uma bola.

A bola é erguida, o apito soa e todos comemoram. Entra a música e aparece a musa dos times, carregando as bandeiras vermelha e azul dos times condor e astro. A Musa e Seu Dionísio Barbosa evoluem como porta-bandeira e mestre sala. Os dois times se preparam e se vestem. Trabalhador-Hércules, de preto, é o juiz.)

## **QUANDO O JUIZ APITAR**

### **CABRITO-POETA E MUSA DOS TIMES**

*Quando o juiz apitar  
Vai começar meu suplício  
Pois, sempre que a pelota rola  
Meu amor nem lembra que eu existo*

*Sei que o futebol é radiante paixão  
E todo jogador é um semideus  
Mas depois dos noventa minutos  
Ele voltará pros braços meus*

*Durante a peleja, emoção e cerveja  
Tem bola na rede e bola fora  
Quem dera ele olhasse para mim  
Do jeito que olha para a bola*

## **4 :: RUA CAPISTRANO DE ABREU – JUNTO À LINHA DO TREM**

### **FUTEBOL DE VÁRZEA**

(Ao som da música, Trabalhador-Hércules leva o Carrinho da Bananeira com a Mãe, puxando o cortejo para a Rua Capistrano de Abreu. A mãe afaga a bola como a um filho. Durante o trajeto os times se dividem em lados opostos da rua, vão se provocando, desafiando, agitando as bandeiras e entoando os gritos de guerra dos times.)

(O Carro da Rádio vem atrás, com o Sr. Barafonda.)

### **RÁDIO CIPÓ :: SR. BARAFONDA**

Salve, ouvintes da rádio Cipó, viajantes no tempo e no espaço dessa Barafonda! É hoje, amantes do futebol! É hoje mesmo, mais uma partida emocionante em que o coração vem pro bico da chuteira, é a hora da verdade e do jogo, é tudo ou nada!

É futebol, é dia de clássico na várzea! Astro e Cooonndorrrr! É rivalidade antiga! A linha do trem é a paisagem dessas batalhas heróicas de onze contra onze, de vale-tudo e arranca-toco, jogadas épicas e brigas homéricas. E aqui ninguém dá moleza, na várzea jogo de bola é coisa séria.

E a torcida não quer saber se o campo é de barro, de lama ou de carvão, está sempre lá pra conferir e entoar os seus hinos eternos. Ouça o grito da galera santificando essa emoção... Sacras canções em marcha, remédio para as dores e as fadigas....

A vida é jogo, ouvinte da Rádio Cipó!

E no coração do jogo não dá pra saber quem é jogador, quem é torcida, é tudo Barra-Funda...

Olha lá, olha lá, olha lá!

(Chegam ao local da partida, no meio da quadra. O público numa calçada; na outra, junto ao muro do trem, os bancos de cada time, separados pelo carro da rádio. No asfalto, o campo desenhado com giz. Os times se preparam pro jogo. Cantam seus hinos. Os carros passam sobre o campo meio da rua, autorizados pelo juiz.)

## **HINO DO CONDOR**

### **TIME DO CONDOR**

*Pede as asas ao condor*

*Inda bem*

*A glória é isso*

*É ser tudo, é ser Deus*

*Ajustar as febres d'alma*

*Ao sopro dos lábios teus*

*Dizer ao peito: "suspira"*

*Dizer à mente: "delira!"*

*Orgulho da Barra Funda!*

*Condor, Condor, Condor!!!*

## **HINO DO ASTRO**

### **TIME DO ASTRO**

*Eu sou o Astro-Rei guerreiro!*

*Eu entro em campo é para vencer!*

*Entrego o meu peito à bola, meu peito à bola*

*Pela bandeira eu irei morrer!*

*As-tro! As-tro!*



## **RÁDIO CIPÓ :: SR. BARAFONDA**

É seguimos agora aqui, nesse momento especial, com grandes jogadores do nosso coração.... É, eu não queria tomar partido!... Mas o Condor mora nessas veias e nas mãos deste que vos fala! Sim, preciso ser sincero com meu coração, caros ouvintes: este locutor já foi a muralha que fechava o gol do Condor. Spaguetti! O único branquelo num time que era uma negrada só! Time de preto patrocinado por italiano, dono da Padaria Ceccato na Vitorino Carmilo, por coincidência, meu papai, ahahaha. E o nosso eterno rival, o Astro, time de branco, da Rua Apa.

É o clássico da várzea: Condor versus Astro. A negrada contra os pele de leite. Bonito era ver no fim do jogo todo mundo democraticamente preto, cheio de lama da várzea na pele. E, nessa rivalidade, pele mesmo é a camisa! Como esquecer a grande final do campeonato em 1940, em que aos 45 do segundo tempo, o pé de pato do Clébio erra o pênalti e entrega a taça. Mas vai que isso são memórias. E lá vai o fantasma do Padre Eustáquio benzer a bola.

(O Juiz vira Padre e abençoa a bola.)

Segue com vocês agora para narrar esse grande jogo, melhor locutor dessa várzea, o grande, o sensacional Bijari! O locutor das massas! Vai daí, Bijari!

(Bijari ocupa o microfone da Rádio, enquanto os Jogadores se aquecem e discutem táticas com os Técnicos.)

## **LOCUTOR BIJARI**

Obrigado, Barafonda! Vou daí, mas aí é aqui mesmo, então lá vou eu! Vocês que estavam com Barafonda, a partir de agora estão comigo, a voz que os acompanha em todas as jornadas esportivo-existenciais das plagas barrafundescas, eu mesmo, Bijari! A voz que vos fala, e não cala!

É clássico desde os tempos imemoriais, torcedor do Brasil. A várzea contra o mundo, o mundo contra a várzea! O mundo é o palco, só me resta dizer bem alto: este é o maior espetáculo da terra. A batalha final, o duelo colossal, abissal; e eu nem preciso dizer, você está vendo com seus próprios olhos... A várzea é o que nos resta e o mundo é o palco, o grande linóleo.

A questão é: Será que venceremos esse intrigante duelo? Será que nos basta uma humilhante vitória? De um lado a camisa, a veste, o sonho. Do outro, outras camisas, outras vestes, outros sonhos. O anseio milenar preso na garganta, lutando para sair como samba em feitio de oração! Mas será que reduziremos todas as nossas preces a um comportado simpósio? Será que reduziremos todas as nossas preces a um comportado simpósio?

(Os times se concentram, rezam etc.)

Ou mobilizaremos nossos gritos internos na construtiva vitória?

(Gritos de guerra do Condor e do Astro. Fazem um último aquecimento em volta dos bancos.)

Construtiva vitória sobre quem, sobre quem, eu pergunto? Será mesmo a nostalgia capaz de nos lembrar da finitude de nossas vidas? Mas tudo se precipita e já não há tempo para mais nada: Primeiro tempo!

(Os times ganham a rua, enfileirados, juiz no meio joga a moeda para sortear os lados.)

Segundo tempo, terceiro tempo, um único tempo, presente, passado e futuro. Um único tempo, o tempo é a eternidade na terra, casa comum. Os times entram em campo, Astro e Condor, Condor e Astro! Divididos os lados, escolhidas as armas, vai começar o duelo! Você pra lá, você pra cá e todos nós juntos, mas essencialmente separados, é um jogo que não tem mais fim!

E atenção... o pontapé inicial vai ser dado por ninguém menos que ele... aquele que durante uma década foi a muralha defensiva do time do Condor, é uma lenda viva! É realmente uma bonita homenagem! Aí vem ele, o grande goleiro Spaguetti!

(Times saúdam o goleiro, que é o próprio Sr. Barafonda, vestido com as cores do Condor. Juiz apita, Sr. Barafonda chuta para o Juiz e começa o jogo, embora o Juiz recoloca a bola no centro.)

E abrem-se as cortinas, começa o espetáculo! O tempo é o próprio crepúúúsculo de jogo. Que bonito éééé...

(Vai improvisando a narração, falando nomes dos jogadores: Astro: Marca-Passo, Pescoço, Aparecido, Mané, Benê, Vavá e Minhoco; Condor: Limpa-Trilho, Jumento, Zé da Escada, Nego, Capivari, Bufagno e Clébio.)

(A bola permanece imóvel no centro, os jogadores e o juiz movimentam-se, criam uma variedade de ações e imagens, sem nunca tocar na bola. O tempo todo, eles tem que lidar com os carros que passam na rua.)

A melhor defesa é sempre o ataque, mas o meio-de-campo está embolado e parece realmente não haver nenhuma saída. Os técnicos arrancam os cabelos, os jogadores se esfolam e dão o sangue, o juiz-trabalhador faz das tripas coração na ilusão de uma salomônica imparcialidade, e o tempo paaaassaa... Esgotados todos os espaços, esgotadas todas as substituições, esgotados todos os ingressos, esgotadas todas as possibilidades...

(A bola vai para fora - juiz apita. Um jogador vai cobrar o lateral – os times se juntam num bloco esperando a bola chegar.)

O caminho que nos resta é encontrar espaços que já foram vastos um dia. O jogo é truncado. São onze contra onze. Vinte e dois contra vinte e dois. Dois milhões contra dois milhões, dois bilhões contra dois bilhões. E uma meia dúzia assistindo dos camarotes

(Juiz autoriza, o lateral é cobrado, mas em câmera lenta com a bola rolando devagar no chão. O bloco se abre e. Nego, que estava no meio, domina e faz um “show de embaixadinha”. Todos tiram fotos e filmam.)

Éééé... Lá vai o menino sobre o chão de terra, lá vai o menino sobre o chão de terra, lá vai o menino sobre o chão de terra... Maraviiilha de espetáculo!!!! O espetáculo é lindo e eu me pergunto: a que preço?

(Dois jogadores fazem malabares, como meninos de rua tentando ganhar um trocado.)

O espetáculo é belo e eu me pergunto: a que preço? O espetáculo é maravilhoosoo... e eu me pergunto, a que preço? São jargões torcida brasileira.

(Roda de “bobinho” com um jogador no centro, sambando e dançando.)  
São jargões, torcida brasileira. São jargões, torcida brasileira. Não se deixe enganar. A vida é ganhar e perder, a vida é perder e ganhar. São tempos imemoriáveis. Não se deixe enganar. Leve sempre a melhor. Ganhar e perder é a lei da vida. Mas a água esta cada vez mais batizada causando sonolência na grande massa. E os ponteiros continuam girando, girando... São milhões de anos, períodos, eras, séculos, décadas, anos meses dias horas e tudo agora mesmo pode estar por um segundo. E... falta!!!  
(Juiz expulsa todos os jogadores e os times vão se dirigindo para o muro do trem – ficam virados para a parede, como numa revista policial.)  
O juiz nosso de cada dia mostra o cartão vermelho pra você, para mim, para todos unanimemente. Não adianta reclamar, vai para o chuveiro mais cedo! É falta na proximidade da área. Falta perigosa na proximidade da área. Falta de tudo na proximidade da área!  
(Um jogador se prepara para cobrar a falta. Expectativa.)  
Encha o peito, erga a cabeça, a gigantesca falta da grande área será algum dia finalmente cobrada, vamos balançar as redes e estufar esse filó, vamos sim, não tem replay, a hora é a agora, essa é a grande expectativa, vai Condor, atenção, autorizado, partiu para a bola e... Apita o árbitro!  
(O jogador vai cobrar a falta, mas o juiz dá o apito final antes que ele consiga chutar a bola.)  
Esgotado o tempo regulamentar! Fim de partida! Mas o jogo é claro, continua per secula seculorum, só nos resta imaginar, torcida brasileira! Imagine all the people de um lado...  
(O juiz, com o troféu na mão, apita e indica os jogadores enquadrados contra o muro.)  
...Imagine all the people do outro.  
(Juiz indica o lado do público na calçada.)  
Imagine all the people all together!  
(Juiz sozinho no meio da rua mostra ‘todos os lados’. Carro da rádio começa a se deslocar.)

## **IMAGEM CARANDIRU**

(Os jogadores caminham cabisbaixos e em fila. Juiz com o troféu vai guiando todos para a passarela sobre a linha do trem. No caminho, imagem de jogadores contra o muro, com as mãos na cabeça.)  
E você continua conosco, Barafonda e Bijari, acompanhando a nossa mesa-redonda, pense bem, reveja os lances mais importantes, as marcas na paisagem concreta, a análise de cada jogada, as negociações e as negociatas, os ventos que sopram na várzea não deixam dúvida: as manhas do jogo sujo sorriem em cada fresta do muro. O trem das sete passa riscando a várzea e a sociedade alternativa das canções apenas triangula, lançando a bola em grande profundidade. Uma profundidade que parece inatingível, é ou não é? A coragem de reescrever as regras do jogo!

E mudar o esquema tático! É desterritorialização, torcida brasileira! Na magia das quatro linhas, intuição e lealdade, bola cruzando fronteiras, o gandula repõe na atividade. A vida é jogo. Não somente jogo, como também sonho. Sonho que não acaba, enquanto isso o que nos escapa é a linha de fundo, e o que sobra é o medo de pisar na bola. O que você acha? A defesa é sólida e baixa o pau sem hesitação, mandando a bola pro mato porque o jogo é sempre de campeonato. As jogadas precisam ser muito bem articuladas, porque na verdade Astro e Condor estão em nossos corações, Barafonda, esse é o grande momento do futebol, veja, reveja o lance, olha lá!

(Ao pé da passarela, os jogadores estão todos sentados no chão sem camisa e de cabeça baixa.)

É corner! Todo mundo no canto, corner!... Tá todo mundo de escanteio! E o teeempoo paaassaaa! O mundo tem que dar falta, da falta que o mundo faz...

## **5 :: AO PÉ DA PASSARELA SOBRE A LINHA DO TREM**

(Ió em coro está ali. Parecem embriagadas. Usam um capacete preto e tem um bebê no peito. Angustiadas, parecem perdidas, procurando algo que não sabem o que seria. Tentam contato com as pessoas, cantando.)

### ***E É AGORA QUE VAI FALAR O QUE VAI FICAR***

#### **CORO DE IÓ**

*Eu sou amor 3x)*

*Eu sou a flor (3x)*

*Sou filha do sol que com a lua se encontrou*

*Eu sou fruto desse amor*

*E é agora que vai falar o que vai ficar*

*E é agora que vai ficar o que se criar*

*Eu chamo o vento, eu chamo a terra, eu chamo o mar*

*Eu tenho a chave do paraíso para entregar*

(Falam ao público como se ele fosse sua Mãe.)

*Minha mãe*

*Eu canto eu danço tantos segredos...*

*A alegria a abundancia desse teu seio*

*Minha mãe*

*Eu canto e danço tanto respeito*

*Eu estou viva e sou o fruto dos teus anseios.*

(Fica de repente agressiva, desesperada. Batem no capacete uma da outra, gritando.)  
O que é que você tem nessa cabeça?!?

(Dioniso está no alto da passarela, sentado sobre o parapeito, sorrindo com sua flauta. Chamam por ele como se fosse seu pai.)  
Pai! Pai!

### **III :: PASSADO**

#### **1 :: SOBRE A PASSARELA**

##### ***IÓ-AGAVE***

(Coro de Ió sobe a passarela, cantando pedaços da música e chamando pela mãe e pelo pai. O público as segue. Vão se arrastando pelos muros e batendo as cabeças nas paredes e grades enquanto andam. Embaixo da passarela, o trem passa.)

##### **CORO DE IÓ**

*Ió! Ió!*

*Mãe, eu sou o amor*

*Eu tenho a chave do paraíso!*

*Ió! Ió!*

*Eu sou filha do sol que com a lua se encontrou*

*Eu sou o fruto desse amor*

*Ió! Ió!*

*Pai! Pai!*

(Em seu arrebatamento, despedaçam furiosamente os bebês que estavam no peito contra a parede e no chão. Saem rindo, depois sentem novamente que algo se perdeu. Dioniso continua sentado no parapeito.)

Eu perdi uma coisa...

Estava aqui no meu peito...

Era como uma pérola...

Onde está?...

Uma pérola...

Estava aqui...

(Começam a procurar nos pés do público, pelo chão, entre os pedaços do bebê. Encontram as cabeças do bebê. Riem de felicidade. Mostram as cabeças a Dioniso.)

Pai! Pai!! Olha que honra para nossa família! Olha, pai! Uma cabeça de leão! Um leão jovem! Eu cacei com as minhas próprias mãos! Aceita esse presente, pai!!...

(Dioniso apenas sorri malicioso e bale como bode. Coro de Ió segue adiante, em seu êxtase. Do começo da passarela, começam a se ouvir chegando o Trabalhador-Leiteiro e o Coro de Cabritos. O Leiteiro vai anunciando o seu pregão.)

## **A PASSAGEM DO LEITEIRO**

### **TRABALHADOR-LEITEIRO**

Olha o leite de cabra, fresquinho, tirado na hora! Olha o leite!

(Passam pelo público como um pastor com seu rebanho, balindo e cantando. Dentro do Coro estão também Mário de Andrade, de chifres, e a Mãe. Dioniso se une ao seu cortejo.)

## **INFALÍVEIS LEITEIROS**

### **CORO DE CABRITOS**

*Ó nobre pastor do olhar triste e castanho  
Ó nobre pastor, vem cuidar do teu rebanho*

*Aqui nesta rua onde hoje passam  
Automóveis barulhentos  
Um monte de cão sarnento  
Artistas balconistas operários carroceiros  
Passavam batendo de porta em porta os infalíveis leiteiros*

## **MÁRIO DE ANDRADE**

(O Coro passa e Mário de Andrade fica. Recita o poema “Meditação sobre o Tietê”.)

### **MÁRIO DE ANDRADE**

É noite. E tudo é noite. Debaixo do arco admirável  
Da Ponte das Bandeiras o rio  
Murmura num banzeiro de água pesada e olosa.  
É noite e tudo é noite. Uma ronda de sombras.



Soturnas sombras, enchem de noite de tão vasta  
O peito do rio, que é como si a noite fosse água,  
Água noturna, noite líquida, afogando de apreensões  
As altas torres do meu coração exausto. De repente  
O ólio das águas recolhe em cheio luzes trêmulas,  
É um susto. E num momento o rio  
Esplende em luzes inumeráveis, lares, palácios e ruas,  
Ruas, ruas, por onde os dinossauros caxingam  
Agora, arranha-céus valentes donde saltam  
Os bichos blau e os punidores gatos verdes,  
Em cânticos, em prazeres, em trabalhos e fábricas,  
Luzes e glória. É a cidade... É a emaranhada forma  
Humana corrupta da vida que muge e se aplaude.  
E se aclama e se falsifica e se esconde. E deslumbra.  
Mas é um momento só. Logo o rio escurece de novo,  
Está negro. As águas oliosas e pesadas se aplacam  
Num gemido. Flor. Tristeza que timbra um caminho de morte.  
É noite. E tudo é noite. E o meu coração devastado  
É um rumor de germes insalubres pela noite insone e humana.  
Meu rio, meu Tietê, onde me levas?  
Sarcástico rio que contradizes o curso das águas  
E te afastas do mar e te adentras na terra dos homens,  
Onde me queres levar?...

Por que me proíbes assim praias e mar, por que  
Me impedes a fama das tempestades do Atlântico  
E os lindos versos que falam em partir e nunca mais voltar?  
Rio que fazes terra, húmus da terra, bicho da terra,  
Me induzindo com a tua insistência turrona paulista  
Para as tempestades humanas da vida, rio, meu rio!...

Já nada me amarga mais a recusa da vitória  
Do indivíduo, e de me sentir feliz em mim.  
Eu mesmo desisti dessa felicidade deslumbrante,  
E fui por tuas águas levado,  
A me reconciliar com a dor humana pertinaz,  
E a me purificar no barro dos sofrimentos dos homens.  
Eu que decido. E eu mesmo me reconstituí árduo na dor  
Por minhas mãos, por minhas desvivas mãos, por  
Estas minhas próprias mãos que me traem,  
Me desgastaram e me dispersaram por todos os descaminhos,  
Fazendo de mim uma trama onde a aranha insaciada  
Se perdeu em cisco e porem, cadáveres e verdades e ilusões.  
Mas porém, rio, meu rio, de cujas águas eu nasci,  
Eu nem tenho direito mais de ser melancólico e frágil.

Nem de me estrelar nas volúpias inúteis da lágrima!  
Eu me revento às tuas águas espessas de infâmias,  
Oliosas, eu, voluntariamente, sofregamente, sujado  
De infâmias, egoísmos e traições. E as minhas vozes,  
Perdidas do seu tenor, rosnam pesadas e oliosas,  
Varando terra adentro no espanto dos mil futuros,  
À espera angustiada do ponto. Não do meu ponto final!  
Eu desisti! Mas do ponto entre as águas e a noite,  
Daquele ponto leal à terrestre pergunta do homem,  
De que o homem há de nascer.  
Eu vejo; não é por mim, o meu verso tomando  
As cordas oscilantes da serpente, rio.  
Toda a graça, todo o prazer da vida se acabou.  
Nas tuas águas eu contemplo o Boi Paciência  
Se afogando, que o peito das águas tudo soverteu.  
Contágios, tradições, brancuras e notícias,  
Mudo, esquivo, dentro da noite, o peito das águas, fechado, mudo,  
Mudo e vivo, no despeito estrídulo que me fustiga e devora.  
Destino, predestinações... meu destino. Estas águas  
Do meu Tietê são abjetas e barrentas,  
Dão febre, dão morte decerto, e dão garças e antíteses.  
Nem as ondas das suas praias cantam, e no fundo  
Das manhãs elas dão gargalhadas frenéticas,  
Silvos de tocaias e lamurientos jacarés.  
Isto não são águas que se beba, conhecido, isto são  
Águas do vício da terra. Os jabirus e os socós  
Gargalham depois morrem. E as antas e os bandeirantes e os ingás,  
Depois morrem. Sobra não. Nem sequer o Boi Paciência  
Se muda não. Vai tudo ficar na mesma, mas vai!... e os corpos  
Podres envenenam estas águas completas no bem e no mal.  
Isto não são águas que se beba, conhecido! Estas águas  
São malditas e dão morte, eu descobri! e é por isso  
Que elas se afastam dos oceanos e induzem à terra dos homens,  
Paspalhonas. Isto não são água que se beba, eu descobri!  
E o meu peito das águas se esborrifa, ventarrão vem, se encapela  
Engruvinhado de dor que não se suporta mais.  
Me sinto o pai Tietê! ôh força dos meus sovacos!  
Cio de amor que me impede, que destrói e fecunda!  
Nordeste de impaciente amor sem metáforas,  
Que se horroriza e enraivece de sentir-se  
Demagogicamente tão sozinho! Ô força!  
Incêndio de amor estrondante, enchente magnânima que me inunda,  
Me alarma e me destroça, inerte por sentir-me

Demagogicamente tão só!  
A culpa é tua, Pai Tietê? A culpa é tua  
Si as tuas águas estão podres de fel  
E majestade falsa? A culpa é tua  
Onde estão os amigos? Onde estão os inimigos?  
Onde estão os pardaís? e os teus estudiosos e sábios, e  
Os iletrados?  
Onde o teu povo? e as mulheres! dona Hircenuhdis Quiroga!  
E os Prados e os crespos e os pratos e os barbas e os gatos e os línguas  
Do Instituto Histórico e Geográfico, e os museus e a Cúria, e os senhores chantres  
reverendíssimos,  
Celso niil estate variólas gide memoriam,  
Calípedes flogísticos e a Confraria Brasiliense e Clima  
E os jornalistas e os trustkistas e a Light e as  
Novas ruas abertas e a falta de habitações e  
Os mercados?... E a tiradeira divina de Cristo!...  
Tu és Demagogia. A própria vida abstrata tem vergonha  
...

(Ainda recitando, Mário de Andrade começa a andar rumo ao fim da passarela, levando o público. Passam por tangolomango, sentado em cima do muro da passarela. Ele observa tudo e chupa um pirulito, enquanto ouve raul seixas. Ao fundo, a cruz da igreja se santo antônio na barra funda de baixo.)

## **2 :: AO PÉ DA PASSARELA – DO OUTRO LADO**

### ***A PRISÃO DE PROMETEU***

(Descendo da passarela, do outro lado da linha do trem – Trabalhador-Hefesto está dependurado na torre dos cabos do trem, trabalhando com o martelo nas ferragens e lamentando-se.)

#### **TRABALHADOR-HEFESTO**

Ah, Prometeu!... Aqui, no limite do chão da terra, nesta imortal solidão, eu, Hefesto, acabo de cumprir a missão que o Pai me impôs: Nestas pedras precipites aprisionar Prometeu. (Vai martelando e lamenta-se.) Aaaahhh! Tantas vezes odiada habilidade das mãos! Se o céu permitisse que este trabalho fosse feito por outro!  
Mas o supervisor do trabalho é severo demais... E descuidar das ordens de Zeus é falta grave! Prometeu roubou o fogo dos deuses e o entregou aos homens... e deve pagar por isso!

(Trabalhador-Hefesto ouve os lamentos de prometeu e desce da torre até o muro. Prometeu está preso à passarela, bem abaixo do muro onde está sentado o tangolomango, já perto da rua luigi greco.)

### **PROMETEU**

Â â éa éa! Â â éa éa! Ar divino, â â éa éa! Â â éa éa! Mar inúmeros sorrisos de ondas salinas. Phêu, phêu! Sol visão total do disco, aquece, aquece. Eu vos invoco, â â éa éa! Mãe venerável, Â â éa éa! Mãe, éter, luz, moldura móvel do universo, contempla minha pena injusta!

### **TRABALHADOR-HEFESTO**

Prometeu, contra mim e contra ti, te aprisionei neste penedo longe dos homens, onde nem voz nem forma de nenhum mortal verás, e tostado pelo fulgor do sol trocarás a flor da pele.

Sem honras e sem prazer vigiarás esta pedra, de pé, sem dormir e sem conseguir ao menos curvar os joelhos. Muitos prantos e lamúrias inúteis balbuciarás, implacável a ira de Zeus.

Ai, ai, Prometeu, eu também gemo por tuas dores!

Que alívio destas dores podem os mortais te trazer? Falso nome os Numes te dão de Prometeu, pois precisas tu mesmo de um Prometeu com jeito que te tire desta armadilha. Aaaahhh!

(Trabalhador-Hefesto vai embora em lamento, fazendo soar as grades da passarela com o martelo. Prometeu permanece preso.)

### **PROMETEU**

Â â éa éa! Â â éa éa! Quando serei capaz de ver levantar-se o fim de minhas dores?

(De repente, caindo em si, começa a rir.)

Ahahaha!! Mas o que digo, sou Raphael Galvez, autor desta obra, conheço todo o futuro com antecipação! Seja o que for tudo me apavora.

### **CORO DE IÓ**

(Aparecem seguidas pela Mosca.)

Á á, He, he! Que terra é essa? Que lugar é esse? (Percebem Prometeu aprisionado.) Quem vejo castigado por tormentas?

### **PROMETEU**

Pobre mulher que rodopia sem descanso perseguida por um moscardo. Sou aquele que deu o fogo de presente aos mortais. Estou pregado e acorrentado a esta rocha e assim ficarei até a última cena.

## **CORO DE IÓ**

Você é Prometeu, o grande benfeitor da humanidade? Por que, se és bom, estás sofrendo tanto assim? O fogo que tu nos deste é algo tão útil pelo qual vale a pena sofrer? Essa chama trará felicidade? (Sempre atormentada pela Mosca.)

Prometeu, me diga, quando esse sofrimento terá fim? O crime que cometi foi assim tão incompreensível? Não é mais nobre pegar em armas contra um mar de angústias e dar-lhes fim? Não era esperado de mim que eu NÃO aceitasse a minha sorte? O meu crime não tem perdão?

## **PROMETEU**

Ió, retém minhas palavras em teu coração se queres conhecer o fim de teu caminho. Ao transpores a linha do trem, a passarela, teus tormentos ficarão insuportáveis. Passarás pelas terras do Barão do Iguape. Chegarás a uma rotatória longínqua, terra da antiga nação negra, onde ultrapassarás teu egoísmo e tua solidão. Teus descendentes constituirão uma grande raça de heróis. Um deles será tão poderoso que nem mesmo essas correntes, que estarão fixadas ao Minhocão, resistirão à sua força. Seu nome será Hércules.

## **CORO DE IÓ**

Hércules!

## **PROMETEU**

Infelizmente, terei que esperar séculos até ele nascer.

## **CORO DE IÓ**

Ai pobre de mim! Ió! Ió!

(Ió sai segue adiante, desvairada pelo tormento da Mosca.)

(Sambistas do Grupo da Barra Funda vem passando na direção contrária. Entre eles está seu diretor Dionísio Barbosa. Param debaixo da instalação de Prometeu e olham para ele.)

## **DIONÍSIO BARBOSA**

Diz aí, Seu Prometeu! Mas em que fria se meteu, hein...

## **UM SAMBISTA**

Ei, Seu Dionísio, isso aí dá samba!...

## **DIONÍSIO BARBOSA**

E é mesmo, meu filho. Me dá um ré menor aí...

DIZ AÍ, SEU PROMETEU

Diz aí, Seu Prometeu

Em que fria se meteu

## **PROMETEU**

Até tu, Seu Dionísio?!...

## **SEU DIONÍSIO**

*Resolveu mexer com fogo, meu nego  
Olha só a quizumba que deu...*

## **CORO DO GRUPO DA BARRA FUNDA**

*Diz aí, Seu Prometeu  
Em que fria se meteu (Etc.)*

(Os sambista seguem pela Rua Luigi Greco em direção ao “Largo da Banana”, entoando o samba.)

## **3 :: RUA LUIGI GRECO**

### ***CORTEJO DO FOGO***

Carro da Rádio Cipó ressurgue pela rua em seu carro, fazendo o público seguir adiante. Os sambistas continuam sua música, fazendo fundo para a rádio.

Na escuridão da rua deserta, ao longo das casas e grades da linha do trem, vão surgindo os personagens do coro do largo da banana. Vem atravessando a cena ou aparecem carregando diversos tipos de fogo – velas, lamparinas, tochas, bombril incandescente, lampiões etc.

A Rádio Cipó vai levando o público para a festa do Largo da Banana, enquanto conta histórias, apresentando personagens.

### **RÁDIO CIPÓ :: SR. BARAFONDA**

Rádio Cipó na Selva das Cidades, sempre ao seu lado, irradiando coragem e fazendo pouca cerimônia, mas muito alarde, diretamente da Paróquia de Santo Antonio da Barra Funda, na Barra Funda de Baixo. Onde as únicas vias expressas são as da memória atravessando o coração. Abra os ouvidos, ouça o burburinho do anoitecer...

(Em todo o trajeto outros personagens do passado da Barra Funda aparecem: meretrizes esperando à porta com suas lamparinas, meninos girando chispas de bombril, cuspidos fogo, moradores conversando e comentando etc. O trem passa.)

### **IRMÃS CHIAPETA**

- Anda logo, Constança.
- Aspeta, Anunciata, senão vai apagar a vela!

## **PADRE EUSTÁQUIO**

Aspeta eu também!... Cadê os meninos?

## **NEGO**

Vai Pipoca, duvido você cuspir fogo!

(Pipoca, tomando querosene, faz gesto pro Nego se afastar. Nego ajuda a abrir espaço.)

Peraí gente, que ele vai cuspir fogo! Vai Pipoca!

## **DONA CHIAPETA 1**

Não faz isso menino! (Pipoca cospe o fogo.)

## **DONA CHIAPETA 2**

Ma que está fazendo?!

## **PADRE EUSTÁQUIO**

Não se preocupa, Dona Chiapeta. Os meninos são espertos...

**JUDITH** (Encostada na porta.)

Oi Dona Chiapeta. Tá abafado dentro de casa né?

**CHIAPETA 1** (Olhando com desprezo.)

A gente tá vindo da igreja, viu? (Passam por Trabalhador-Hércules.) Boa noite seu Hércules! (Seguem adiante.)

## **TRABALHADOR-HÉRCULES**

Oi, Dona Chiapeta. (Espicha o olho pra Judith.)

Ooooo, Dona Judith! (Segue.)

## **DONA ANA**

Olha aí, Judith. O Seu Hércules é bom partido! Honesto, trabalhador...

## **JUDITH**

Sei não... Tão dizendo que esse negócio de acendedor de lampião vai acabar... Tão chegando os postes elétricos... ouvi dizer! Ainda bem, viu! Não vejo a hora, que eu morro de medo de ladrão.

## **DONA ANA**

Que ladrão? Aqui não tem ladrão, não...

## **JUDITH**

Como não? Então a senhora não ouviu o grito de “pega ladrão” numa madrugada dessas outro dia?



## **DONA ANA**

Não me diga...

## **JUDITH**

Menina, foi uma correria. Entraram na casa da Dona Gema, foi um fuzuê que só. O Seu Nitinho teve até que dormir lá...

## **DONA ANA**

Sei... Conheço o Seu Nitinho. Aquele ali não me engana, não...

## **RÁDIO CIPÓ :: SR. BARAFONDA**

Caríssimo ouvinte, você viu, você é testemunha: é fogo!

O fogo não está mais nos céus, desceu à terra e vaga de mão em mão, soltando brasa, fogo sagrado nos lares e casas, fogo tarado na boca do canhão.

Raça de ferro cozinhando, na fornalha, ou sendo cozida em fogo brando. Então a segunda pergunta do dia, diretamente da Barra Funda de Baixo é exatamente essa: "Onde fica em baixo e onde fica em cima?"

(Mário De Andrade, do alto da passarela volta a recitar trechos do poema "Meditação sobre o Tietê" para o público lá embaixo.)

Rádio Cipó acompanhando você a caminho do Largo da Banana, destino primordial dessa epopeia barrafundesca... De passagem pelos cortiços da Barafonda. Onde não se vive "a la gordaça", mas a alegria é deslavada. Naquela mistura de brancos, mulatos, "húngareses" e polacos. Onde banana vale ouro! É, banana surrupiada das carroças dos murrugas, dos carcamanos e muquiranas lá do Largo da Banana.

Passando também pelos porões da Barafonda, abrigos íntimos, verdadeiros casulos, onde moradores bichos da seda produzem o sustento em domicílio.

(Sr. Barafonda avista HILÁRIO.)

Sr. Hilário!! Saibam, ouvintes, que Hilário, o negro mais elegante da Barra Funda de Cima, mora num porão ali na Rua Camerino. Além de ter uma costela a mais do que qualquer um, o que lhe rende uns trocados nas aulas de anatomia da Santa casa, o negro toca piano no soiré do Cine Odeon, lá na Rua Direita. Hilário deixa loucas as italianinhas da Chácara do Carvalho...

## **HILÁRIO**

(Recita um trecho de "Quando eu morrer", de Mário de Andrade".)

*Quando eu morrer quero ficar,  
Não contem aos meus inimigos,  
Sepultado em minha cidade,  
Saudade.*

*Meus pés enterrem na rua Aurora,  
No Paissandu deixem meu sexo,  
Na Lopes Chaves a cabeça  
Esqueçam.*

*No Pátio do Colégio afundem  
O meu coração paulistano:  
Um coração vivo e um defunto  
Bem juntos.*

### **LANDINHA**

Ai, Seu Hilário, que coisa linda... de quem é?

### **HILÁRIO**

Do Mário.

### **NEGO**

Que Mário, Seu Hilário?...

### **HILÁRIO**

O Mário de... Ô moleque!  
Mais respeito comigo!

### **RÁDIO CIPÓ :: SR. BARAFONDA**

Aqui é Rádio Cipó, Barafonda, com você diretamente da Barra Funda de Baixo. Na Chácara do Carvalho, a Raça de Ferro se aperta e se embaralha, e a vida segue em frente, caríssimo ouvinte, e às vezes segue pra trás, pros lados, nesse eterno trabalhar e se atrapalhar, dia após dia.

E vamos em frente como a Raça de Ferro, sempre dando a volta por cima, mas lembre-se: o buraco é mais embaixo. Barra Funda de tantos caminhos e esse trem todo que nos separa, mas a várzea nos une...

E, se o trabalho é alienado, hay que unir o que está separado, como diria o grande barrafundense e comunista Pedrinho, com seu indefectível terno vermelho e seu cachorro Trótski. De profissão: cobrador. Diz aí, Pedrinho!

### **PEDRINHO**

(De terno vermelho, com um livro vermelho na mão.)

“Trabalhadores de todo o mundo... relaxem!” Salve Seu Barafonda!

(Aparece SEU IBRAHIN, com uma tocha na mão.)

### **SEU IBRAHIN**

Ô Seu Pedrinha! Quem cobra hoje?

**PEDRINHO**

Hoje não tem cobrança, Seu Ibrahin. Tô aqui, pensando na vida...  
O senhor quer ouvir uma mensagem?

**SEU IBRAHIN**

Pode fala.

**PEDRINHO**

(Recita trechos de “Losango cáqui”, de Mário de Andrade.)

Minha alma cidade das greves sangrentas,  
Inferno fogo INFERNO em meu peito,  
Insolências blasfêmias bocagens na língua.  
A vista renasce na manhã bonita.  
Pauliceia lá em baixo epiderme áspera  
Com o sangue do trabalho correndo nas veias das ruas,  
Fumaça bandeirinha.  
Torres. Cheiros.  
Barulhos e fábricas...  
Os bondes meus amigos íntimos  
Que diariamente me acompanham pro trabalho...  
Minha casa...  
É tão bom respirar!  
É tão gostoso gostar da vida!...  
A própria dor de existir é uma felicidade!

**SEU IBRAHIN**

Seu Pedrinha! O senhor virou metafísica?

**PEDRINHO**

Que metafísica, Seu Ibrahin, isso é poesia!

**SEU IBRAHIN**

Mas tava falando aí de existir, não sei o quê...  
Seu Pedrinha, Deus são as nossas mãos!

**PEDRINHO**

Nossas mãos são a revolução, camarada!  
E cadê o Trótski? Trótski, aqui...  
(Sai procurando.)

(Passam os Sambistas cantando “Diz aí, Seu Prometeu”.  
Todos seguem até o “Largo da Banana”.)

## **CORO DO GRUPO DA BARRA FUNDA**

*Diz aí, Seu Prometeu*

*Em que fria se meteu*

*Resolveu mexer com fogo, meu nego*

*Olha só a quizumba que deu...*

## **4 :: “LARGO DA BANANA” – RUA LUIGI GRECO ESQUINA RUA CRUZEIRO – FINAL**

(O Carro da Rádio estaciona no Largo da Banana. O público vai tomando lugar em semicírculo. Ao centro uma fogueira. De quando em quando, todo o Coro saúda e acena para o trem que passa.)

### **RÁDIO CIPÓ :: SR. BARAFONDA**

E atenção, atenção! Caríssimos ouvintes! Eis que chegamos! Esse é O momento! O instante crucial, o limiar do universo, a badalada da vertigem do abismo... Pare tudo, detenha seu coração. A sua, a nossa Rádio Cipó na Selva das Cidades z.y.l.o. 342 apresenta aos baranautas o Largo da Banana! Fogo sagrado, no fundo nas veias escondidas do coração da Pauliceia.

(Sambistas param o samba. Todos ficam ao redor da fogueira da Festa do Largo da Banana.)

## **FESTA DO LARGO DA BANANA**

### **GALVEZ**

Aqui, nessa fogueira, inacreditavelmente, começa a história contada por mim. CENA 1! Cruzamos ou não a linha do trem? Barafonda, aqui estou eu, estatelado no início da linha do tempo que nos consumirá, mas hoje aos 19, a esperança me toca, tenho sonhos.

Barra Funda, quero beber seu passado, pintar seu presente até entender que o cinza também é cor e quem sabe no futuro pegar um trem desses e dormir em seu sol quente de fartura. Né. Sonhemos, tenho só 19 anos! E vocês?

### **CORO DE IÓS**

Ei, Seu Galvez, eu tenho 14. Não é 10, não.

### **GALVEZ**

(Vai passando pelas pessoas e lhes atribuindo idades.)

18... 43... 37...

## **SR. BARAFONDA**

Raffaello!...

## **GALVEZ**

72!... Seu Barafonda, esse espetáculo não está dedicado ao senhor, não. Esse espetáculo É o senhor! Minha gente, meus personagens, minhas pinturas, vamos caminhar, estamos só no início, vamos em busca da nossa utopia representada e descobrir que o teatro, a arte, tem o tempo do amor. Vita nova!

## **CORO DO LARGO DA BANANA**

Vita nova!

[Acendem-se as luzes, incluindo um grande painel luminoso onde se lê: “Barafonda”. A música inicia com pontos de tiririca.

Os personagens do largo da banana oferecem bebida e comida para as pessoas, cantam, improvisam conversas com o público e o chamam para dançar em torno da fogueira.)

## **TIRIRICA**

*É tumba moleque, tumba!*

*É tumba pra derrubar*

*Tiririca, faca de ponta*

*Capoeira quer te pegar*

*Dona Rita do tabuleiro*

*Quem derrubou meu companheiro? (2x)*

*Abre a roda, minha gente*

*Que o batuque é diferente (2x)*

[Seu Dionísio puxa outra música. O Coro segue.]

## **TIRIRICA**

*O facão quebrou*

*No pé do Jacarandá*

*Tererê tererê tererê*

*Tererê tererê tererá*

*Tiririca quer me derrubar*

*Tiririca quer me derrubar*

*Tiririca quer me derrubar, ôh*

*Tiririca quer me derrubar*

*São Jorge no peito  
Meu chapéu de palha  
O lenço de seda defende  
Da sua navalha*

*Tererê tererê tererê  
Tererê tererê tererá*

*Tiririca quer me derrubar (4x)*

*Quando vento sopra  
Leva sua saia  
A cabeça gira morena  
Nego se atrapalha*

(Os jogadores vão se alternando no jogo da Tiririca. Seu Dionísio joga com o Tangolomango e o derruba. Por sua vez é derrubado por uma pernada do caolho. Landinha entra no jogo e derruba vários homens, até que o fotógrafo da festa entra e também lhe dá uma rasteira etc.)

(A Mãe está presente na festa, com múltiplos seios, pequenos como mamadeiras. O Coro de ló sempre que pode vai até ela para mamar.)  
(A música para, o jogo da tiririca cessa.)

### **RÁDIO CIPÓ :: SR. BARAFONDA**

Rádio Cipó informa: na Paulicéia ninguém nunca perde tempo, mas no nosso Largo da Banana é festa, você pode perder tempo à vontade, pode se dar ao luxo de simplesmente festejar, como dizia o saudoso Rubinato: “Sabe o que nós faiz?”

### **CORO**

“Nada!”

### **RÁDIO CIPÓ :: SR. BARAFONDA**

É isso aí, aproveite as comidas, as bebidas, é festa! Que aqui nesse Largo a banana não acaba em viaduto, não!! Lembrando que o ápice dessa folgança será o grande sorteio do cabrito!

### **CORO**

MÉÉÉÉHH!...

### **RÁDIO CIPÓ :: SR. BARAFONDA**

Imperdível e inevitável! Um cabrito será sorteado, abatido e deglutido aqui nessa festança, para o júbilo dos convivas. E viva, evoé!

(O Coro comenta sobre o sorteio com o público e fica a dúvida: você ganha um cabrito ou você pode ser o próprio cabrito?)

(Mãe e Coro de Lô puxam outra música.)

## **BARRA FUNDA**

### **CORO DO LARGO DA BANANA**

*Na Barra Funda compadre  
Eu vejo a terra treme  
Ouço no couro de um bode  
Uma cuíca gemer  
Se é quizumba ou pagode  
Ninguém mais sabe dizer*

*Até a lua lá no céu já brilha com mais prazer  
E o astro rei já aparece bem mais cedo pra ver  
O samba na Pauliceia nascer*

*E viva a alegria em nosso terreiro  
E viva o estandarte que simbolizou  
Em verde branco, Barra Funda, o primeiro  
Que seu Dionísio Barbosa criou*

*E vem no balanço de um povo festeiro  
Herança dos antigos carnavais  
O velho batuqueiro tem histórias  
Que na memória viram samba e nada mais*

(O Trabalhador-Policial, apitando, entra interrompendo a música e a festa. Confusão, todos perplexos. Ele anuncia uma ordem.)

### **TRABALHADOR-POLICIAL**

Olha aí minha gente, que mandaram avisar: a cadeia tá suja, alguém tem que ir limpar. Seu Dionísio, não tem lambuja, é o senhor que vai marchar.

(Seu Dionísio, com sua caixa de engraxate e seu pandeiro quadrado, reage furioso e indignado.)

### **SEU DIONÍSIO**

O quê?! Que é?! Quer me prender assim sem mais? É desacato, é desaforo! Não vou, não tem acordo!! Quem quiser me prender, eu mato ou morro!!!



(Pausa em suspense.) Eu corro pro mato ou corro pro morro. Dá licença!! (Sai correndo fugindo.) (Trabalhador-Policial e ajudantes saem atrás de Dionísio e o prendem. Todos cantam.)

## **TÁ TUDO PRESO**

### **CORO DO LARGO DA BANANA**

*Vem cá menino, vem cá menina  
Tá tudo preso pra amanhã fazer faxina*

### **TRABALHADOR-POLICIAL**

Seu Dionísio, teje preso!  
(Colocam Dionísio na cadeia. Todos ficam em volta. Silêncio. Seu Dionísio, sentado em sua caixa de engraxate, canta.)

## **É FOGO NO MOINHO**

### **SEU DIONÍSIO**

*É fogo no Moinho, é fogo...  
Quem fica no caminho vira toco...*

Só vô dizê uma coisa: eu nasci da coxa e quem me pariu – foi um relampo. A hora que eu quiser, saio voando pra outro campo. Foi na curva do chifre, onde a boa esperança vira tormenta. Ê, volta do mundo, ê Aruanda que me aguenta...  
(A Mãe quer terminar com aquela situação triste.)

### **MÃE**

Gente, por favor, pelo amor, ninguém aí tem uma moeda pra soltar o Seu Dionísio?

(Alguém dá uma moeda. Seu Dionísio é solto e, junto com o Coro de Ió, puxa um ponto de Jongo.)

## **JONGO DE SÃO JORGE**

### **CORO DE IÓ e SEU DIONÍSIO**

*Peço a Deus meus inimigos  
Que venham me importunar  
Que eles tenham pernas, mas não possam me alcançar  
Que eles tenham mãos, mas não possam me tocar  
E que eles tenham olhos, mas não possam me enxergar*

(Instala-se a roda de Jongo. Todos dançam e batem palma. A Mãe dança com Tangolomango. Depois, ele interrompe o Jongo.)

## **TANGOLOMANGO**

Cachoeira! (A Música cessa. Ambiente tenso, finalmente ele vai falar.)

Faço passagem, adianto viagem, faço negócio. Sou ponto de interrogação, porta do mistério, bilhete pro desconhecido. Tudo o que nasce caminha pro meu encontro. Dizem que fui parido num dia chuvoso. Dizem que fui benzido com a saliva do tihoso. Meu nome é Tangolomango! Eram três irmãos numa casa, uma foi dar uma volta na rua, deu-lhe um tangolomango e ficaram apenas duas. Dessas duas uma viajou pra Paraibuna deu-lhe um tangolomango e ficou somente uma. Essa uma, quis comer feijão, deu-lhe um tangolomango e acabou-se a geração. Chegou a hora do sorteio do cabrito, minha gente!!

## **CORO**

MÉÉÉÉHH!!...

## **TANGOLOMANGO**

Minha Mãe, cumpra agora o seu ofício, entregando a cada cabrito o número do sacrifício.

(Todo o coro do Largo da Banana vira novamente um Coro de Cabritos, de quatro no chão. A Mãe junta a cabritada para o sorteio. Trabalhador-Pastor passa uma corda pelo pescoço de todos os cabritos e se coloca no chão também. Galvez, Dionísio e a Mãe penduram números do sorteio no pescoço de todos, cabritos e público.)

## **ASSIM MESMO, MESMO É**

### **TANGOLOMANGO, CABRITO-POETA e CORO DO LARGO DA BANANA**

*Oh seu Dionísio*

*Cabrito morreu*

*Ai morreu de fome*

*Mas porém se come*

*A tripa mais fina*

*Assim mesmo, mesmo é!*

*Vai para as meninas*

*Assim mesmo, mesmo é!*

*A tripa grandona*

*Assim mesmo, mesmo é!*

*Vai pras solteirona*

*Assim mesmo, mesmo é!*

*A tripa cagada  
Assim mesmo, mesmo é!  
Vai para as casada  
Assim mesmo, mesmo é!  
A tripa mais grossa  
Assim mesmo, mesmo é!  
Vai para quem gosta  
Assim mesmo, mesmo é!  
A sua costela  
Assim mesmo, mesmo é!  
Vai pra Dona Vera  
Assim mesmo, mesmo é!  
E o mocotó  
Assim mesmo, mesmo é!  
Vai pra sua vó!  
O chifre pontudo  
Assim mesmo, mesmo é!  
Vai pros barrigudo  
Assim mesmo, mesmo é!  
O chifre mais liso  
Assim mesmo, mesmo é!  
Vai Pra Dioniso  
Assim mesmo, mesmo é!  
O rabo talvez  
Assim mesmo, mesmo é!  
Vai pra Seu Galvez  
E o coração...  
Assim mesmo, mesmo é!...*

## **TANGOLOMANGO**

...O coração, minha gente, vem pra minha mão!!

Chegou o momento, vamos acabar com esse tormento. Seu Galvez, por favor!  
(Aparece a grande roleta numerada do sorteio. O trem continua passando de quando em quando.) Esse é o jogo da vida e da morte, em que cada cabrito tem o número da sua sorte. Vamos girar a roleta!

(Tangolomango gira a roleta. Tambores e trompetes, suspense, balidos dos cabritos. A música cessa. A roleta indica 7, o número de ió, ela é a sorteada. Os tambores voltam. Alívio entre os cabritos. O coro de ió fica atônito.)

## **TANGOLOMANGO**

Número 7! Sete dias da semana, sete notas musicais sete cores do arco-íris nas regiões divinais! Venha menina!

(Coro de Ió tira a corda dos pescoço e vai para o centro da roda, onde inicia uma dança com Tangolomango em torno da fogueira. Seu Dionísio reaparece como Dioniso, entra na dança no lugar do Tangolomango. Traz os chifres do cabrito, símbolo do sacrifício. Entrega ritualmente os chifres às cabritas do Coro de Ió, preparando-as para a morte.)

(As cabritas do coro de ió dançam com os chifres na mão, até que Tangolomango as toca com seu cajado e elas caem como mortas no chão. De pronto, se levantam, cada uma com um punhal em riste.)

### **CORO DE IÓ**

Eu não vou morrer! Eu não vou morrer!!!  
(Surpresa geral. Os Cabritos balem.)

### **MÃE**

Que é isso, minha filha? Deixa disso, filha, abaixa a arma.  
O jogo tem que ser jogado, seu número foi sorteado...

### **CORO DE IÓ**

Mãe! Eu acabei de ficar mocinha! Eu ainda nem conheço a vida! Eu quero ver o entardecer!

### **TANGOLOMANGO**

Pois de uma coisa eu dou ciência, comigo não tem preferência, daqui não saio sem cabrito e é esse o meu veredito.

### **CORO DE IÓ**

Eu não! Eu não!! EU NÃO!!!

(Mãe e Tangolomango tentam se aproximar. Gritaria. Acuadas, elas fogem para o meio da cabritada, agarram um cabrito como escudo e no desespero acabam por atingi-lo com o punhal. Tudo pára. O cabrito cai morto. Elas, desesperadas, tentam em vão reanimá-lo.)

### **CORO DE IÓ**

Irmão! Irmão!! Levanta! Abre o olho!

(Ió mostra as mãos, em sinal de inocência. O Coro dos Cabritos, revoltados com o ocorrido, querem avançar sobre ela. A Mãe os impede, colocando-se no meio. Coro de ió se ajoelha e implora.)

### **CORO DE IÓ**

Perdão! Perdão, Mãe, eu não sabia!! Não sabia que morria!!

## **MÃE**

Vai embora! Vai!

(Coro de Ió vai saindo, mas talvez interrompe a cena. Reúne o Coro de Ió, faz que coloquem a mão sobre uma orelha, escreve no chão o nome: "Ió" e traça um caminho para ela seguir. Do Coro dos Cabritos, faz um deles se transformar em mosca, que começa imediatamente a atormentar Ió com ferroadas e um barulho ensurdecedor. Coro de Ió sai correndo dali aos gritos, com a mosca atrás. Desaparecem em direção à passarela, ao futuro.)

(A Mãe, em prantos, no chão, tenta carregar o corpo do cabrito morto. O coro acode e o leva, colocando-o elevado no carrinho da bananeira. Outros amparam e erguem a mãe. O Coro se reúne todo com a mãe à frente do carrinho. Dioniso, montado no alto do carrinho, envolve o cabrito morto com os braços como a um irmão. Tangolomango com seu cajado passa se retirando, fumando seu cachimbo.)

## **MÃE**

É nascer, viver e morrer nossa herança natural. Breve é a vida.

E o que é a morte diante da imutável abundância de vida que continua a nascer?

Planta brotada, vida vivida, vida dançada que espera a morte acontecer.

Morte morrida. Breve é a vida, mas as vezes abreviada.

Porque há também a morte matada.

Planta ceifada, limada do seu direito de viver.

Perdi aqui duas crias de uma vez.

Uma que fugiu acuada, defendendo seu direito de viver

E um aqui, morto na beira da estrada, não era sua hora de morrer. Podia ser você.

E se fosse você, que história seria contada?

Vamos embora, Cabritada!

Que a Mãe tá em luto, a Mãe tá em luta!

Eu tive minha planta arrancada.

E agora eu vou bradando pela estrada.

Essa terra tá manchada.

A festa acabou cabritada.

(A Mãe com a enxada uma pequena bananeira e a ergue na mão, sinalizando a Galvez que vão todos partir. O carrinho é carregado com cachos de banana, galões de vinho etc. E toda a cabritada sai na mesma direção que Ió. Galvez fala, enquanto todo o coro vai se retirando e seguindo em direção ao futuro.)

## **GALVEZ**

Quem for apreciar essa minha história, essa minha Barafonda, poderá começar pelo principio ou pelo fim. Passado, presente, futuro. Estamos no inicio, mas é o fim. É o fim? O que esperar do amanhã?

O que podemos construir?

Essa história de minha vida não tem começo e nem tem fim, porque depois de eu morto a nossa história continua, pois ela está ligada a tudo e a todos.

Os que ficam vão dizer – “O Raphael era assim!”, “A Barra funda não era assim!”

Muitos se lembrarão de nós, outros não, mas de fato ficará de mim alguma lembrança – uma cabeça de gesso, uma figura de bronze, um quadro, um desenho, uma fogueira, alguns escritos, uns personagens, um público, e principalmente, o contato que eu tive com o mundo onde vivi. Cada minuto que passa é uma esperança a menos e é por isso que devemos lutar até o fim. Sr. Barafonda, por favor.

### **RÁDIO CIPÓ :: SR. BARAFONDA**

Az.y.l.o. 342, Rádio Cipó na Selva das Cidades agradece a presença de todos e desativa agora o seu estúdio itinerante. Estamos desligando nossos equipamentos. Muito obrigado pela companhia de todos vocês, boa noite!

■■■

REALIZAÇÃO



Este projeto foi contemplado pela 42ª Edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo - Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa